

“A REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO DE 1820: PRELÚDIO DO LIBERALISMO
EM PORTUGAL”. UM PROJETO EXPOSITIVO

FERNANDO LUÍS BARROSO GONÇALVES

TRABALHO DE PROJETO DO MESTRADO EM MUSEOLOGIA

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alexandra Curvelo da Silva Campos

Junho, 2021

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que contribuíram para a realização desta memória escrita, e da realização da exposição “A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal”, a todas um profundo agradecimento.

Um agradecimento especial à minha Orientadora a Professora Doutora Alexandra Curvelo da Silva Campos que muito me ajudou, dando orientações claras sem as quais a concretização deste trabalho estaria certamente comprometido.

RESUMO

Esta Memória escrita tem como objetivo ser uma apresentação e reflexão sobre as atividades desenvolvidas durante o planeamento, conceção e realização da exposição “A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal”, realizada no Museu Militar do Porto entre Outubro de 2020 e Agosto de 2021.

O trabalho alia, assim dois elementos complementares: um vídeo de apresentação do projeto concretizado (em anexo), e a vertente escrita do mesmo, que inicia com uma breve caracterização do Museu Militar do Porto, instituição que acolheu a exposição, dando particular relevo ao enquadramento histórico do museu e do seu programa museológico, seguindo-se uma análise da abordagem conceptual do projeto/exposição, da metodologia adotada e dos reptos encontrados durante a realização das várias fases do trabalho. O último ponto consiste numa reflexão global sobre o Projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Museu; Programação Museológica; Projeto museológico; Exposição, História, Liberalismo.

ABSTRACT

This Written Memory aims to be a presentation and reflection on the activities developed during the planning, conception and realization of the exhibition “The

Revolution of 24 August 1820: prelude to Liberalism in Portugal”, held at the Military Museum of Porto in October 2020 and August 2121.

The work thus combines two complementary elements: a video presentation of the accomplished project (attached), and the written part of the project. It begins with a brief characterization of the Military Museum of Porto, the institution that hosted the exhibition, giving particular emphasis to the historical framework of the museum and its museological program. Next an analysis of the conceptual approach of the project/exhibition, the methodology adopted and the challenges faced during the various phases of the work. The last point of this work consists of a global reflection on the Project.

KEYWORDS: Museum; Museological Programming, Museological Project, Temporary exhibition, Liberalism.

.

Índice

AGRADECIMENTOS	1
RESUMO.....	1
ABSTRACT.....	1
Índice.....	3
LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS.....	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU MILITAR DO PORTO ..	10
1. Enquadramento histórico	10
2. Missão	15
CAPÍTULO II - INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA E PRÁTICA MUSEOLÓGICA	17
1. Enquadramento histórico do tema da exposição	17
1.1 Da revolução à Constituição – breve súpula cronológica.....	19
2. Contextualização da exposição	20
3. Lista de tarefas a desenvolver	20
4. Seleção das peças a expor	21
5. Desenvolvimento do <i>layout</i> expositivo	21
6. Processo de empréstimos e seguros	22
7. Conceptualização da Ideia.....	22
7.1 Planeamento.....	22
CAPÍTULO III- PROJECTO DA EXPOSIÇÃO	26
1. O Projeto	26
1.1 Tema	26
1.2 Objetivos	26
1.3 Coordenação executiva	27
2. Empréstimos	34

3. Projeto Museográfico.....	34
3.2 Alterações ao Projeto	38
4. Comunicação.....	38
4.1 Textos informativos	39
4.2 Educação e Mediação	43
4.3 O Catálogo	44
4.4 Divulgação	44
4.5 <i>Merchandise</i>	45
5. Montagem	45
5.1 Planeamento e Desenvolvimento das fases operacionais	45
6. Encerramento e Desmontagem.....	46
7. Dificuldades na execução das tarefas.....	46
CAPÍTULO IV – Breve Apreciação Crítica das atividades	47
1. Breve análise das atividades programadas.....	47
1.1. Visitas Guiadas	47
1.2 Breve análise ao inquérito e ao comportamento dos visitantes	49
2. Avaliação do Projeto.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
BIBLIOGRAFIA	56
WEBGRAFIA.....	58
ANEXOS	59
ANEXO A- CD-ROM -Vídeos promocionais e fotografias.....	59
ANEXO B - Lista de Tarefas e materiais	60
Anexo C - Cronograma da Exposição	62
ANEXO D - Orçamento.....	64
ANEXO E - Lista dos objetos seleccionados a integrar a exposição	67
ANEXO F - Programa educativo	90

ANEXO G - Modelo do Inquérito	92
ANEXO H - Análise SWOT.....	94
ANEXO I – Layout da exposição	0

LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

D. A. – Direitos de Autor

DGS – Direção Geral de Saúde

DIM – Dimensões

FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

ICOM – International Council of Museums

ICOM-PT – Comissão Nacional Portuguesa do ICOM

ICTOP – Internacional Committee for the Promotion of University Education for
Museum Workers

MML – Museu Militar de Lisboa

MMP – Museu Militar do Porto

RPM – Rede Portuguesa de Museus

SPA – Sociedade Portuguesa de Autores

UNL – Universidade Nova de Lisboa

INTRODUÇÃO

Esta Memória escrita resulta do Trabalho de Projeto desenvolvido durante a componente não letiva do Mestrado em Museologia, tendo o projeto sido desenvolvido na sequência do convite que me foi feito pela direção do Museu Militar do Porto (MMP) com vista a realizar uma exposição relativa às comemorações dos duzentos anos da Revolução de 24 de Agosto de 1820.

Desde logo tracei dois caminhos possíveis: o primeiro consistia em pensar uma exposição somente a partir da coleção Joaquim Vitorino Ribeiro (Porto, 1849 - Porto, 1928), pintor e colecionador que reuniu uma coleção variada de peças relacionadas com a Revolução que aconteceu nesta cidade em 1820, coleção esta que veio a ser incorporada no MMP por doação dos herdeiros, constituindo hoje parte do acervo da instituição. Outro caminho seria pensar a exposição a partir de um conceito mais amplo, e integrando outras peças de cariz militar para diversificar a exposição, dado que o acervo disponível desta coleção é maioritariamente composto por gravuras e algumas pequenas peças tridimensionais.

A segunda opção configurou de imediato duas abordagens distintas: expor o espólio de forma harmoniosa, obedecendo a uma narrativa clara, com as características de uma exposição de carácter celebrativo e histórico, ou, pelo contrário, seguir um percurso mais interpelativo, deixando espaço para perguntas e dúvidas, dando ao visitante espaço para uma reconfiguração mental a partir da sua própria criatividade, incorporando para tal fim alguns elementos subliminares, elementos esses que não sendo essenciais para a construção da narrativa, a complementavam.

Comecei então por pensar a exposição refletindo sobre a forma como gostaria de dar a conhecer um tema que é do conhecimento geral, ainda que não nos seus pormenores. Pensei desde o início que seria fundamental apelar à imaginação, e até a alguma provocação/desafio, para que este projeto fosse algo mais do que uma exposição de carácter documental e evocativo. Um dos objetivos que tracei foi o de tentar dar a conhecer e a ver o que não se conhece tão bem sobre este facto histórico através de uma narrativa clara, criando um percurso expositivo que apelasse aos sentidos e à imaginação, transportando o visitante numa viagem efémera para o contexto social da época. Esperava com esta exposição temporária despertar o sentido de descoberta e o interesse pela história, pelo património e pela memória coletiva associados a estes acontecimentos históricos, sobretudo nos visitantes mais jovens.

A relação com os públicos foi uma das minhas preocupações centrais, e senti a necessidade de dar uma especial atenção à divulgação deste património, e de dar a conhecer um facto histórico social e uma coleção que o imortaliza. A construção e desenho da exposição, assim como a sua disponibilização ao visitante, visavam, por um lado, chamar a atenção para a importância da preservação e conservação de um património material específico, e, por outro, a comunicação de uma coleção que corporiza o facto histórico, entrando igualmente na esfera do património imaterial.

O segundo capítulo do relatório trata de forma muito sucinta da contextualização histórica do Museu Militar do Porto. Esta descrição pretende introduzir e fundamentar as escolhas tomadas na elaboração do projeto. Estas escolhas, condicionadas pelas características das infraestruturas do museu, tiveram de ser algumas vezes reconfiguradas e adaptadas às limitações físicas e logísticas impostas.

A investigação empírica e o enquadramento teórico e bibliográfico da revolução de 24 de agosto de 1820 são tratados no terceiro capítulo e resumem de forma clara os passos que dei para a concretização/materialização da ideia deste projeto “*A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal*”¹. Para tal, reuni e consultei bibliografia da especialidade, tendo também visitado a Biblioteca Municipal do Porto que possui um vasto acervo documental dedicado a este período da história de Portugal, assim como o próprio Museu Militar do Porto, que também possui literatura da mesma época histórica.

O espaço era exíguo para a quantidade de peças a expor, pelo que deveria ser totalmente reconfigurado, o que implicava a construção de paredes, alteração do piso e construção do teto.

¹ A decisão sobre o título da exposição foi um processo demorado, pois quis circunscrever o conceito e os acontecimentos do dia 24 de Agosto de 1820, pelo que tive que abordar o tema de forma eclética e que introduzir pequenos detalhes relativos aos antecedentes e consequências, de modo a apresentar ao visitante este evento histórico.



Figura 1- Vista parcial do espaço destinado à exposição.



Figura 2- Vista em plano elevado do mesmo espaço.

Todas estas alterações teriam que ser executadas com um orçamento extremamente limitado, o que obrigou a que a ideia inicial viesse a ser retificada e alterada várias vezes.

Para mais facilmente visualizar o projeto elaborei uma maquete que construí em poliuretano expandido, construída à escala de 1/10, e na qual coloquei todas as componentes museográficas, incluindo miniaturas das peças que iria integrar na exposição. Nesse momento, a seleção final das peças da exposição ainda não estava finalizada, pelo que considerava toda esta etapa como de planeamento e planificação da exposição.

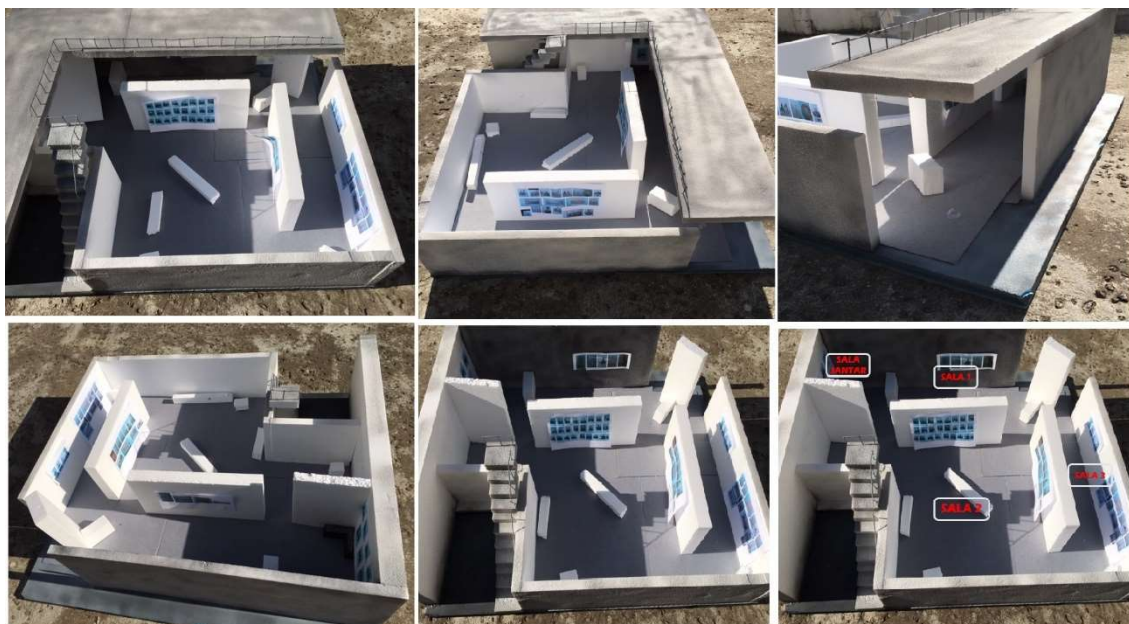


Figura 3- Várias perspetivas da maquete, podendo-se observar as reproduções em miniatura das gravuras e das vitrines, bem como de um banco central para descanso dos visitantes.

O quarto capítulo deste relatório é inteiramente dedicado ao projeto da exposição e dá conta dos instrumentos utilizados, reportando a forma como estes foram postos no terreno, apresentando o enquadramento teórico da montagem e manutenção da exposição temporária, aprofundando a importância da documentação, da limpeza, das condições ambientais e do manuseamento, embalagem e transporte das peças.

Concluirei com uma reflexão sobre a dinâmica de funcionamento do Departamento de Conservação e Restauro, e a relevância deste projeto na formação e na abertura a novos horizontes profissionais.

CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU MILITAR DO PORTO

1. Enquadramento histórico

O ato de colecionar e a sua divulgação pública promovem a criação de museus, ou/e de núcleos museológicos. É neste contexto que se enquadra “a coleção Joaquim Vitorino Ribeiro, pintor e colecionista do Porto dos finais do séc. XIX, que reuniu uma importante coleção de objetos de interesse histórico, alguns de carácter militar, que assinalavam a agitada vida militar e política das primeiras décadas do séc. XIX”.²

Esta coleção constituiu a base de uma exposição comemorativa do Centenário da Revolução Liberal de 1820, inaugurada no Teatro São João, no Porto, pelo então Presidente da República António José de Almeida, em 24 de Agosto de 1920.

O sucesso desta exposição levou a que nesse mesmo ano, a 28 de Agosto, a Câmara Municipal do Porto deliberasse em ata a instalação desta coleção numa das suas dependências, constituindo assim um Museu Histórico. O entusiasmo foi, no entanto, passageiro, uma vez que esta deliberação da Câmara Municipal não passou da intenção.

Por esse motivo, os filhos e herdeiros do colecionador, Pedro Vitorino e Emanuel Ribeiro ofereceram a coleção ao Museu Militar de Lisboa³ em 1923, que com ela montou a sala “Joaquim Vitorino Ribeiro”, inaugurada em Julho de 1933.

Uma nova tentativa de criar um Museu Militar no Porto⁴ voltaria a surgir em 1957, quando o Comando da Primeira Região Militar mostrou preocupação e vontade em preservar e valorizar as tradições militares históricas da Região.

Com esse propósito, foram desenvolvidos uma série de contactos, quer com instituições civis, quer com instituições e organismos militares, com o objetivo de procurar fazer um levantamento sobre o espólio de âmbito militar com interesse museológico. Pretendia-se, assim, inventariar o património que pudesse constituir parte integrante do futuro museu, que então se propunha viesse a ter a sua sede no Castelo de São João da Foz, também chamado Forte de São João Baptista.

² Museu Militar do Porto, *Anuário de 2005*, edição Reservada, gentilmente autorizada a sua consulta na Biblioteca do Museu Militar do Porto.

³ Veja-se de Carlos Silveira a entrada “CASTELBRANCO, Eduardo Ernesto de”, in *Dicionário quem é quem na museologia Portuguesa*, disponível em acesso aberto: https://institutedehistoriadaarte.files.wordpress.com/2019/03/dicionario_quemquem.pdf

⁴ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-militar-do-porto/>

Porém, o Forte não se encontrava em condições de albergar as coleções que se pretendia reunir, pelo que foi proposta a elaboração do estudo para adaptação do edifício a museu. Desejava-se, tanto quanto possível, restituir ao imóvel a sua traça histórica, por um lado, e artilhá-lo com bocas de fogo antigas, por outro lado.

Em 28 de Março de 1958, por despacho ministerial, era criada a Delegação do Museu Militar de Lisboa no Porto, com sede no Forte de São João Baptista. O Subsecretário de Estado do Exército determinou, no entanto, que até que o forte ficasse pronto, todas as peças adquiridas ou oferecidas fossem reunidas nas instalações do antigo Quartel General sito na Rua Augusto Rosa. A nova Delegação ficava na dependência técnica e administrativa do Museu Militar e receberia apoio logístico da Primeira Região Militar:

“A partir de então intensificaram-se os contactos com outras instituições não só procurando reunir material museológico do Continente, mas também peças que pudessem testemunhar a presença portuguesa na Índia e nas Colónias Ultramarinas.

No início de 1959 foi criada uma Comissão com o fim de elaborar as diretrizes que orientassem os trabalhos de adaptação do Forte de São João Baptista. Apoiada em documentação e pareceres vários, definia as prioridades seguintes: desentulhar as casernas e as muralhas; reconstruir o fosso; suprimir as construções modernas que nele existissem; reconstruir a casa do Governador; montar a ponte levadiça e a porta da traição e, reconstruir a Capela”.⁵

Estas resoluções não tiveram quaisquer consequências, e a falta de verbas para levar as obras por diante levou a que estas fossem constantemente adiadas:

“A atividade continuava, embora as instalações da delegação na Rua Augusto Rosa permanecessem fechadas ao público. Sempre que possível, a delegação prestava apoio a outros organismos militares e civis, como a colaboração com o Gabinete de História da Cidade do Porto, com o empréstimo de peças para a Exposição Comemorativa dos 150 anos do Desastre da Ponte das Barcas, exposição esta denominada “O Porto e as Invasões Francesas”.⁶

⁵ Ibidem, p.6.

⁶ Ibidem, p.7.

A partir de 1963/64 começam a ser feitos pedidos de cedência de algumas instalações, que até aí estavam entregues à Delegação do Museu, para outros fins, nomeadamente para a Delegação de Repartição de Verificação e Contas da Primeira Região Militar. Apesar da preocupação do Delegado do Museu quanto à necessidade de cedência total do imóvel, inicialmente apenas foram utilizadas algumas salas e, mais tarde, o terceiro piso por inteiro, acabando, todavia, por se concretizar a ocupação total. Então, as peças que até aí estavam já colocadas em algumas das salas cedidas, foram transferidas para arrecadações ao nível do rés-do-chão. A razão desta cedência era na altura justificada pelo facto de persistir a ideia de que as instalações da Delegação da Rua Augusto Rosa eram transitórias, até à sua transferência definitiva para a sede no Forte de São João Baptista, motivo pelo qual os espaços existentes deveriam permanecer fechados ao público. Assim, as instalações da Delegação funcionavam como uma grande reserva.

O ano de 1965 foi marcante para a vida desta delegação e vários fatores iriam contribuir negativamente para a sua decadência, uma vez que mais algumas salas foram cedidas ao Distrito de Recrutamento e Mobilização Nº6, limitando cada vez mais o espaço disponível e transformando o restante em simples arrecadações.

Em 1970 começa uma nova fase, já que a Associação Cultural dos Amigos do Porto e a Região Militar do Norte iriam dar um novo impulso à ideia de criação do Museu Militar do Porto:

“Os alertas da Associação Cultural dos Amigos do Porto, sobre o interessante espólio histórico militar existente nas “arrecadações” das instalações da Rua Augusto Rosa e o bom acolhimento por parte da estrutura militar, iriam contribuir para congregar o apoio da Câmara Municipal do Porto, do Governo Civil do Porto, do Museu Nacional Soares dos Reis, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Museu Militar com o objetivo de criar um Museu Histórico-Militar no Porto, mantendo-se, no entanto, a ideia inicial de instalar o futuro museu no Forte de São João Baptista”.⁷

Como delegado do Museu Militar do Porto foi nomeado, em 1971, o Major Médico Francisco Fernandes Figueira⁸, e a partir desse ano começaram a ser transferidas

⁷ Ibidem.

⁸ Não foi possível apurar a data exata por inexistência de documentos oficiais.

as coleções da Rua Augusto Rosa para algumas salas no Quartel General da Região Militar do Norte, na Praça da República.

Desta forma foi possível organizar uma exposição com carácter permanente. Esta exposição, que se designou como ‘Sala de Armas’, foi inaugurada a 5 de Janeiro de 1973. Para a inauguração foram convidadas várias individualidades e representantes de instituições que tinham apoiado o projeto, bem como alguns colecionadores que no futuro pudessem vir a contribuir para o enriquecimento do museu. Não tendo sido aberta ao público, esta sala era, no entanto, frequentemente visitada por militares, sobretudo recrutas das Unidades da Região Militar do Norte durante o período de instrução.⁹

As instalações cedidas pelo Quartel General eram provisórias e o objetivo de instalar o museu no Forte de São João Baptista tornou-se cada vez mais difícil de concretizar. A partir de 1974 recomeçou a procura de um espaço condigno para instalar as coleções:

“A solução era um imóvel da Rua do Heroísmo onde durante anos tinha funcionado a Delegação da Ex-PIDE/DGS no Porto e que, por força das circunstâncias pós-revolução de 25 de Abril de 1974, ficou devoluto, pelo que se tomaram as diligências necessárias para que o edifício fosse entregue à Região Militar do Norte o que aconteceu em 1976.

⁹ Ibiem, p.8.



Figura 4- Vista exterior do MMP.

Para dirigir o projeto de restauro em 1978 e adaptação do novo espaço foi escolhido o Arqº Fernando Lanhas. Faltava, contudo, constituir legalmente o Museu Histórico-Militar do Porto, ou Museu Militar do Porto, pelo que os esforços nesse sentido só vieram a ter efeitos em 1977, quando o Conselho da Revolução pelo seu Decreto nº 242/77 de 8 de Julho de 1977, cria, com data de 1 de Abril de 1977, ”¹⁰ o Museu Militar do Porto, estabelecendo as suas diretrizes, objetivos e missão:

“Considerando como imperativo nacional conferir protecção efectiva e tão lata quanto possível aos valores que se inserem no campo histórico-militar;

Considerando que esses valores devem ser divulgados de forma ampla e activa por representarem fontes relevantes de enriquecimento cultural e moral da comunidade nacional;

Considerando ser de toda a conveniência criar na cidade do Porto um organismo militar que satisfaça as necessidades assim mencionadas e que contribua efectivamente para uma mais completa concretização do que se dispõe no decreto-lei nº 949/76 de 31 de Dezembro;

¹⁰ Ibidem, p.8.

O Conselho da Revolução decreta, nos termos da alínea a) do n.º 1 do art.º 148.º da Constituição, o seguinte :

Art.º 1.º - É criado, com data de 1 de Abril de 1977, o Museu Militar do Porto.

Art.º 2.º - O Museu Militar do Porto é considerado como “ Museu Militar afecto ao Exército”.

Art.º 3.º - São missões fundamentais do Museu Militar do Porto: Recolher, Inventariar, Classificar e Conservar objectos que pela sua antiguidade, raridade ou valor, convenha preservar como testemunhos da história militar do país, na parte que respeita às Instituições e Forças Militares Terrestres e, em particular, ao Exército;

Contribuir para a divulgação do Património à sua guarda, designadamente pela exposição pública de espécimes com interesse cultural e patriótico, devidamente valorizados com meios ou processos de esclarecimento e dinamização pedagógica;

Colaborar com os restantes Órgãos do Serviço Histórico-Militar e com outros organismos, civis e militares, na investigação histórico-militar;

Prestar a colaboração que lhe for determinada na celebração de comemorações e na realização de cerimónias de manifestações culturais com interesse histórico-militar e, de um modo geral, com significado histórico-cultural.

Art.º 4.º - O Quadro Orgânico, o regulamento e os órgãos de apoio ao Museu Militar do Porto foram definidos por portaria do Chefe do Estado Maior do Exército.”¹¹

2. Missão

O MMP tem por missão principal apresentar ao público as coleções reunidas. Para a concretização da missão, o MMP mantém uma exposição de carácter permanente, assegurando boas condições de conservação e qualidade expositiva.

¹¹ D.R., n.º 133, 1.ª Série de 8 de Junho de 1977.

As exposições de carácter temporário, sobretudo itinerantes, abordam temas relacionados com peças das suas coleções, quer se exibam na exposição permanente, quer estejam nas reservas do museu. O MMP desenvolve e apoia a investigação das Coleções que divulga, através da publicação de catálogos de exposições e de outras publicações não periódicas apoiadas pela Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto. O MMP desenvolve ainda uma política de empréstimo temporário de peças das suas Coleções para exposições em Portugal.

A Missão do Museu Militar do Porto foi determinada pelo Decreto do Conselho da Revolução nº. 242177, de 8 de Julho de 1977, no seu artº 3º, com o seguinte teor:

“Recolher, inventariar, Classificar e Conservar objectos que pela sua antiguidade, raridade ou valor, convenha preservar como testemunhos da história militar do país na parte que respeita às Instituições e Forças Militares Terrestres e, em particular, ao Exército;

Contribuir para a divulgação do Património à sua guarda, designadamente pela exposição publica de espécimes com interesse cultural e patriótico, devidamente valorizadas com meios ou processos de esclarecimentos e dinamização pedagógica;

Colaborar com os restantes órgãos do Serviço Histórico-Militar e com organismos civis e militares, na investigação histórico-militar;

*Prestar a colaboração que lhe for determinada na celebração de comemorações e na realização de cerimónias de manifestações culturais com interesse histórico-militar e, de um modo geral, com significado histórico- cultural”.*¹²

¹² Artº 3º do Decreto do Conselho da Revolução nº. 242177 de 8 de Julho de 1977.

CAPÍTULO II - INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA E PRÁTICA MUSEOLÓGICA

1. Enquadramento histórico do tema da exposição

Em 1806 Napoleão Bonaparte (1769- 1821), decreta o Bloqueio Continental à Inglaterra, mas Portugal recusa-se a aceitar esta exigência. Passado um ano, a França apresenta um ultimato ao governo português com a ameaça de que invadiriam o país se este não aderisse ao bloqueio. A ameaça acaba por ser concretizada, o que levou a família real e toda a corte a deslocar-se para o Brasil, em 29 de novembro de 1807. Com a ajuda das tropas inglesas, Portugal expulsa os exércitos napoleónicos que acabam por ser derrotados três vezes, mas instala-se no país um clima de muita debilidade social devido à destruição da economia e da agricultura, deixando Portugal com graves problemas sociais e económicos, e pondo em causa a subsistência alimentar de boa parte da população.

O Decreto de abertura dos portos às nações amigas, promulgado pelo Príncipe-regente de Portugal Dom João de Bragança (1767-1826), em 28 de Janeiro de 1808, foi o primeiro passo para a Independência do Brasil. Os Tratados de 1810 serviram para fortalecer as relações entre Portugal e a Grã-Bretanha, atribuindo privilégios alfandegários aos produtos britânicos, o que levou a uma crise no comércio das cidades do Porto e de Lisboa, dando aos Ingleses a primazia do comércio Brasileiro.¹³

Após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815, forma-se o Supremo Conselho Regenerador de Portugal e do Algarve liderado pelo General Gomes Freire de Andrade(1757-1817, com o objetivo de remover os britânicos do controlo militar Português, e implementar o Liberalismo em Portugal. Todavia, tal não acontece devido à acusação de traição e sentença de morte dada a este general e a outras 12 personalidades, acusados de conspiração contra a monarquia e contra D. João VI, que reinava desde 20 de Março de 1816, tendo sido aclamado a 6 de fevereiro de 1818, representado pela Regência em Portugal Continental do Marechal britânico William Carr Beresford(1768-1854), que durou até 1820. A permanência de Beresford levou a protestos antibritânicos por parte dos liberais, levando-o mesmo a deslocar-se ao Brasil, para pedir ao monarca mais recursos e poderes para pôr fim aos ideais liberais¹⁴.

¹³ Matoso, *História de Portugal Vol. V - O Liberalismo*.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.48.

A 22 de janeiro de 1818 funda-se no Porto uma associação secreta intitulada de “Sinédrio”, pelos juristas Manuel Fernandes Tomás (1771-1822) e José da Silva Carvalho (1782-1856), associando-se a esta na mesma data, José Ferreira Borges (1786-1838) e João Ferreira Viana (1797-1868). Posteriormente, farão parte desta associação outros membros de relevo, principalmente figuras da burguesia, como veremos adiante. Os membros pertencentes ao Sinédrio sabiam que para obter sucesso precisavam do apoio do exército, que apesar de não defender integralmente as ideias liberais, possuía ideais semelhantes: fazer regressar o Rei D. João VI do Brasil, afastar os Ingleses, e restaurar a exclusividade de comércio com o Brasil restabelecendo o Pacto Colonial:

*“Inicialmente contaram com o apoio de importantes membros do exército, entre eles António da Silveira Pinto da Fonseca, Sebastião Drago de Brito Cabreira e, Bernardo Correia de Castro Sepúlveda, contando depois com o apoio de várias unidades militares do Norte”.*¹⁵

A 24 de agosto de 1820, grupos militares deslocaram-se para o campo de Santo Ovídio, atual Praça da República, assistindo a uma missa onde se seguiu uma salva de tiros de artilharia que anuncia a Revolução e o hastear da bandeira da monarquia. Às oito da manhã desse mesmo dia, juntaram-se todos os intervenientes nesta revolução nas proximidades da Câmara Municipal, formando a “Junta Provisional do Governo Supremo do Reino” liderada por Manuel Fernandes Tomás, anunciando os objetivos do movimento revolucionário, contando com o apoio de todas as classes sociais - o clero, a nobreza, o povo, e o Exército Português. Exigiram a solicitação das cortes para a criação de uma constituição para o país, defendendo os direitos do povo português. A Revolução Liberal que acontece no Porto acaba por se alargar a Lisboa, levando a que a 28 de setembro do mesmo ano, os governos destas duas cidades se unissem numa só “Junta Provisional do Governo Supremo do Reino” encarregue da realização de eleições para as cortes.

Em 1821 a 25 de abril, a Corte de regresso a Portugal, e só a 3 de julho chega a Lisboa. D. Pedro, permanece no Brasil tornando-se Príncipe Regente. Com o consequente e crescente aumento da pressão exercida pelas cortes para a “recolonização”¹⁶ do Brasil,

¹⁵ Idem, Ibidem, pp.49.

¹⁶ Este termo polémico, utilizado inicialmente para designar a intenção da Corte Portuguesa de restaurar o domínio de Portugal sobre o Brasil, causou alguma controvérsia desde o seu aparecimento, sendo aplicado das mais diversas formas, principalmente pelo grupo político que, a partir de 1822, aliado a D. Pedro, se tornou dominante no Brasil. O uso do conceito de recolonização teve fins políticos, e era utilizado para

este declara a sua independência a 7 de setembro de 1822. Neste mesmo ano, é aprovada a Constituição Portuguesa com a tentativa de abolir o absolutismo e inaugurar em Portugal uma monarquia constitucional. Porém, e apesar do juramento de D. João VI, a 4 de Julho de 1821, a Rainha D. Carlota Joaquina (1775-1830) em março de 1821 juntamente com o Cardeal Patriarca de Lisboa, negaram jurar a constituição. Esta assume juntamente com o seu filho, D. Miguel (1801-1866) em 1822, a oposição à Revolução. Com a morte do Rei de D. João VI, o clima agrava-se e os dois irmãos D. Pedro (1798-1834) apoiado pelos liberais, e D. Miguel, apoiado pelos absolutistas, consideravam-se os dois legítimos sucessores ao trono.

É importante, assinalar que em 1820 aparecem as primeiras leis eleitorais, realizando-se as eleições para as Cortes constituintes em 1821/22, alterando-se o sistema eleitoral parlamentar, contributo assinalável para a fundação das modernas assembleias parlamentares, que se distinguem das assembleias representativas medievais, por serem instituições estáveis alicerçadas no sufrágio individual, independentes de qualquer constrangimento quanto à origem ou categoria social.

1.1 Da revolução à Constituição – breve sùmula cronológica

1807 – Primeira invasão francesa e deslocação da família real e da corte para o Brasil

1808 – “Súplica da Constituição”, dirigida a Napoleão Bonaparte.

1812 – Constituição de Cádiz.

1815 – Criação do Reino Unido de Portugal e do Brasil.

1817 – Conspiração de Gomes Freire de Andrade.

24 de Agosto 1820 – Pronunciamento militar no Porto, que deu origem à revolução constitucional portuguesa. No mesmo dia, em vereação extraordinária que contou com a assistência do procurador e do povo, o Senado portuense elege a seguinte Junta Provisional do Governo Supremo do Reino: António da Silveira Pinto da Fonseca (presidente), Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira (vice-presidente), Luís Pedro de Andrade e Brederode (deão, vogal pelo clero), Pedro Leite Pereira de Melo (vogal pela nobreza), Francisco de Sousa Cirne de Madureira (vogal pela nobreza), Manuel Fernandes Tomás (desembargador, vogal pela magistratura), Fr. Francisco de S. Luís (doutor, vogal pela universidade), João da Cunha Sotto Maior (desembargador, vogal pela

justificar as reações contra o excessivo intervencionismo português, incentivar a desobediência a Lisboa e preparar a independência.

provincia do Minho), José Maria Xavier de Araújo (vogal pela provincia do Minho), José de Melo e Castro de Abreu (vogal pela provincia da Beira), Roque Ribeiro de Abranches Castelo Branco (vogal pela provincia da Beira), José Joaquim Ferreira de Moura (vogal pela provincia de Trás-os-Montes), José Manuel Ferreira de Sousa e Castro (vogal pela provincia de Trás-os-Montes), Francisco José de Barros Lima (vogal pelo comércio), José Ferreira Borges (secretário com voto), José da Silva Carvalho (secretário com voto), Francisco Gomes da Silva (secretário com voto).

31 de Setembro de 1820– A Junta Provisional promulga o primeiro Manifesto aos Portugueses, defendendo a transição para um “governo representativo” assente em Cortes e a consequente aprovação de uma constituição para o País.

23 de setembro 1822 – As Cortes constituintes aprovam a Constituição Política da Monarquia Portuguesa, a primeira constituição escrita portuguesa, que foi jurada por D. João VI no dia 1 de outubro desse ano. A rainha D. Carlota Joaquina recusou-se a jurar a Constituição.

2. Contextualização da exposição

Escolhido o espaço da exposição, foi definido um tema geral sobre o qual deveria refletir, para chegar a um conceito que se integrasse nas comemorações do duo centenário da revolução de 24 de agosto de 1820. Houve um convite formal por parte da Câmara municipal do Porto para que o MMP se associasse à comissão das comemorações dos duzentos anos deste pronunciamento militar. Este grupo alargado de instituições, composto pela Divisão Municipal de museus; Casa do Infante; Museu Militar do Porto; Biblioteca Municipal Almeida Garrett; CITEM-Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» Faculdade de letras da Universidade do Porto; CEJEA-Centro de Estudos Jurídicos, Económicos e Ambientais; Universidade Lusíada; Palacete Viscondes de Balsemão; Associação Cívica e Cultural 31 de janeiro; Universidade Lusófona do Porto; Museu Romântico; Curso de Música Silva Monteiro; Rota Porto Liberal, pretendia desenvolver um vasto programa aberto à cidade, que incluía exposições, debates, concertos, tertúlias, percursos, sessões de cinema e visitas a vários locais da cidade contemporânea que estão ligados aos acontecimentos de 1820.

3. Lista de tarefas a desenvolver

Comecei por elaborar uma lista provisória de tarefas a realizar, documento este que foi sendo continuamente atualizado (Anexo B – Lista de tarefas e materiais, p.57), constituindo a base do meu programa de trabalho, documento dinâmico e de permanente monitorização (Anexo C – Cronograma da exposição, p.62).

4. Seleção das peças a expor

Depois ter sido circunscrito o tema geral num debate conjunto com a direção do MMP, foram também iniciadas as escolhas de obras. Durante esta fase, a seleção passou num primeiro momento por excluir todas as gravuras e objetos tridimensionais que não tivessem relacionados com o tema, ainda que pertencessem à coleção Joaquim Vitorino Ribeiro (Anexo, p.61).

Selecionei para contar esta história, pinturas a óleo, gravuras, manequins, armas de fogo, miniaturas de soldadinhos de chumbo, alfaías litúrgicas, Missal Romano do Séc. XIX e outros livros, têxtil, litúrgico e outros têxteis, peças de mobiliário, peças de artilharia de montanha de média dimensão, uma Bandeira da Monarquia. Num total de 175 peças.

5. Desenvolvimento do *layout* expositivo

Feita por mim a seleção final das obras, desenhei o *layout* (Anexo I – Layout, p. 96). da exposição, colocando virtualmente as obras legendadas nos sítios indicados, alterando a disposição inicial das paredes amovíveis, e também a sua localização. Foi

depois desta etapa que iniciei a conceção de uma maqueta à escala 1/100, para mais fácil visualização do projeto



Figura 5- Fase inicial da construção da Maqueta.

6. Processo de empréstimos e seguros

O processo de empréstimos foi feito com o Museu Militar de Lisboa. Refira-se que na fase inicial do processo fiz o pedido de empréstimos diretamente ao diretor do MML, pois assim evitou-se uma excessiva burocracia tendo também excluído qualquer pedido de empréstimo fora do Exército. Seguidamente, solicitei os orçamentos para os seguros das obras a integrar a exposição.

7. Conceptualização da Ideia

7.1 Planeamento.

A exposição é um meio privilegiado para comunicar com os públicos dos Museus, transmitindo através deste meio conteúdos, dando a conhecer as coleções e as linhas programáticas da instituição. A exposição é, portanto, a apresentação pública de um acervo museológico de interesse cultural: “*O termo “exposição” significa tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe*”.¹⁷ E pode também passar pela união de certas peças que juntas de determinadas formas, podem proporcionar um interesse especial para um público distinto, como na sala 2 onde juntei peças de mobiliário com gravuras e objetos que hoje facilmente os públicos destas exposições históricas associam à Maçonaria. As motivações podem ser distintas, como distintos são os valores intrínsecos os objetos. Do ponto de vista museológico, as diferenças entre a exibição (*display*) e a exposição (*exhibit*), são aqui postas em paralelo, dada a especificidade desta exposição, que é a de assinalar uma data histórica com um acervo diversificado, que ganha sentido através de uma narrativa centrada nos objetos e na forma como os relaciona entre si.

A exposição é uma exibição complementada com a interpretação, e se a exibição tem como objetivo principal mostrar, o objetivo da exposição é contar uma história, mesmo correndo os riscos que esta comporta: “*exibir uma obra é fatalmente fazê-la entrar num processo de contaminação*”¹⁸, porque “*condicionado pela perspectiva do comissário, pelo contexto arquitectónico e ideológico, pelas outras obras expostas e pela atitude do público*”.¹⁹ Para a corrente da nova museologia, a exposição é um importante instrumento de comunicação e consciencialização da comunidade e, para os museólogos, um excelente meio de o conseguir. A exposição torna visíveis e legíveis os objectos:

*“In the first place, (a) the object is quite obviously materially part of its position(situation) in the historiographic theater of the museum. (It is in fact physically present.). Yet at the same time, (b) it is unnaturally abstracted there from some “original” situation: its present situation is in one sense fraudulent (this museum is not “its” place, even where the object’s authenticity-value supports its exhibition-value).”*²⁰

¹⁷ Desvallées; Mairesse(dir.) – *Conceitos chave de Museologia*. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury Tradução e comentários. Comité Internacional do ICOM, São Paulo, Armand Colin, 2014, p.43.

¹⁸ Marcadé, “Exposer c’est s’exposer” in AAVV, *L’art contemporain et son exposition*, 2002, p. 138, citado por Barranha, *Arquitectura de Museus de Arte Contemporânea em Portugal. Da intervenção urbana ao desenho do espaço expositivo*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008, p.58.

¹⁹ Barranha, *Ibidem*, p.58.

²⁰ Preziosi, “Art History and Museology: Rendering the Visible Legible”, In: MacDonald, Sharon (ed.). *A Companion to Museum Studies*. Blackwell Publishing Ltd: Oxford, UK. 2006, p.54.

Assim, e podemos afirmar que os objetos em contexto expositivo suportam o conceito de memória enquanto representação de factos relatados pelo historiador, por isso se valoriza e torna visível a si mesma enquanto representação de factos, tal como a exposição dos 100 anos da revolução Liberal, que se tornou de alguma forma uma atualização da própria revolução e que “se queria” materializar na criação de um museu militar na cidade do Porto . A partir do momento em que interpreta e representa um papel torna-se em algo mais do que ela própria, pois pode ter tantas leituras quanto os observadores, tornando-se etérea e intemporal. A exposição utiliza, pois, um conjunto de elementos baseados numa estratégia de comunicação com os quais pretende contar uma história ou acontecimento, através de uma narrativa com perceções e interpretações distintas.

O visitante, à medida que percorre o circuito da exposição, é levado a fazer conexões e a seguir o desenvolvimento de uma narrativa, seguindo uma sequência que pode ser comparável a um filme. Contudo, as exposições de arte e de história têm características diferentes na medida em que cada objeto é único, mas continuamente revisitado através de novos olhares que a museografia materializa. Na exposição de arte, *“O papel do fruidor tem, aliás, adquirido uma crescente importância dado o carácter interactivo de muitas obras de arte contemporânea. Algumas exposições incluem mesmo obras em construção, que se vão completando com o contributo dos visitantes”*.²¹ A museografia atual fundamenta-se num legado constituído por distintas continuidades históricas, em que a forma de expor é complementar da maneira de pensar: *“estudar o acondicionamento do espaço converte-se num exercício quase filosófico em que os esquemas de pensamento, no tempo, propõem novos esquemas”*.²²

Na exposição, os objetos uma vez reunidos formam um conjunto coerente e eloquente que, por sua vez, cria impacto ao nível visual e intelectual:

“Uma exposição é ela mesma um objecto recheado de significados culturais e encarna uma série de opções e reinterpretações que estão relacionadas tanto com a

²¹ Barranha, op. cit., p.58.

²² Dubé, “Exponer para ver, exponer para conocer”. In *Museum Internacional*, nº 185 (vol. 47, nº 1). Paris: UNESCO, 1995, p. 5.

*mente de quem a desenha como as peças que apresenta. Essas opções não são fruto do acaso mas obedecem a uma lógica interna”.*²³

A exposição articula todas as afirmações por meio dos seus arranjos formais, representando, primeiro, o espaço e a morfologia da exposição. A relação entre os espaços influencia decisivamente o modo como se vai gerar o conhecimento e o tipo de conhecimento produzido. A este propósito, Pearce²⁴ distingue três propriedades de carácter relacional no espaço limitado: a separação relativa dos espaços, entre uma unidade de apresentação e outra, o espaço em termos de profundidade, com maior ou menor profundidade de acordo com as separações, e o número de anéis no plano, que aumentam a quantidade de itinerários. A facilidade com que o visitante apreende a estrutura do espaço, revela, em certo sentido, aquilo que o visitante pode sentir quando percorre todo o espaço da exposição, isto porque o espaço passa a ser o somatório de todas as partes, e, portanto, um todo harmonioso.

²³ Pearce, “Estructurar el pasado: las exposiciones arqueológicas”. In *Museum Internacional*, nº 185 (vol. 47, nº 1) Paris: UNESCO, 1995, p. 9-11.

²⁴ Idem, *Ibidem*, p.12.

CAPÍTULO III- PROJECTO DA EXPOSIÇÃO

1. O Projeto

1.1 Tema

O tema da exposição foi proposto pela direção do MMP, que assegurava as condições de trabalho, o espaço e o financiamento possível (Anexo D - Orçamento, p.64).

O comissariado da exposição temporária, incluindo a seleção das peças, a investigação e a pesquisa bibliográfica, ficou a meu cargo, e desde logo procurei identificar prováveis emprestadores e demais recursos. Os recursos humanos e técnicos do MMP tiveram uma colaboração pouco expressiva na produção e na comunicação da exposição.

O título da exposição “A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal”, que ia ao encontro do programa proposto, assumiu, durante o desenvolvimento do projeto, um carácter definitivo, tendo sido definido antes do início dos trabalhos de planeamento. O título fundamentava-se na investigação e estudo de uma coleção que documentava um facto histórico, e a sua influência na vida política e social do País.

1.2 Objetivos

O objetivo desta exposição foi assinalar e lembrar o facto histórico da revolução e pronunciamento militar de 24 de Agosto de 1820 na Cidade do Porto através, sobretudo, da Coleção Joaquim Vitorino Ribeiro.

Para a concretização deste objetivo, o MMP, realizou uma exposição temporária evocativa para dar a conhecer e compreender a Revolução Liberal de 1820, relacionando-a com as destruições provocadas pelas invasões francesas, a permanência da família Real no Brasil, e o domínio inglês em Portugal, com o consequente descontentamento generalizado dos vários grupos sociais. Em causa estava, igualmente, a evocação do triunfo da revolução liberal no Portugal de 1820, destacando-se os seus principais protagonistas, e o apoio da burguesia, do povo e do clero aos ideais revolucionários.

Um dos momentos importantes do projeto centrou-se na memória da realização de eleições para as Cortes Constituintes, cujo objetivo era a elaboração de uma Constituição e o reconhecimento da Constituição como a Lei fundamental do Estado.

1.3 Coordenação executiva

O Exército nomeou-me coordenador executivo da exposição e do comissariado científico, tendo sido o montante total orçamentado para as necessidades específicas da produção da exposição de 3200.00€ dividido por rubricas (Anexo D - Orçamento, p.64).

As alterações, durante a fase de preparação do projeto da exposição, exigiram capacidade de ação e de resposta rápida e permanente. Ao longo das diferentes etapas da produção da exposição, planeei e coordenei os trabalhos da equipa do MMP e de outros profissionais internos e externos ligados à produção da exposição. Coordenei também todo o processo administrativo da produção da exposição, bem como o processo de pedido de empréstimo temporário dos fardamentos e manequins.

A equipa de produção da exposição foi formada pelos recursos humanos do MMP, composta por 5 militares que só podiam dispensar ao projeto algumas horas o equivalente a um dia por semana, da Assistente Técnica Teresa Coelho. Também apoiaram a produção as estagiárias Sara Couto e Patrícia Teixeira, das licenciaturas em Gestão do Património da Escola Superior de Educação do Porto, das quais fui orientador de estágio no MMP.

O projeto museográfico e a coordenação da montagem, não contaram com colaboração adicional, tendo sido realizados unicamente por mim. No projeto gráfico contei com a colaboração da designer Catarina Pinheiro Torres, que elaborou o cartaz.

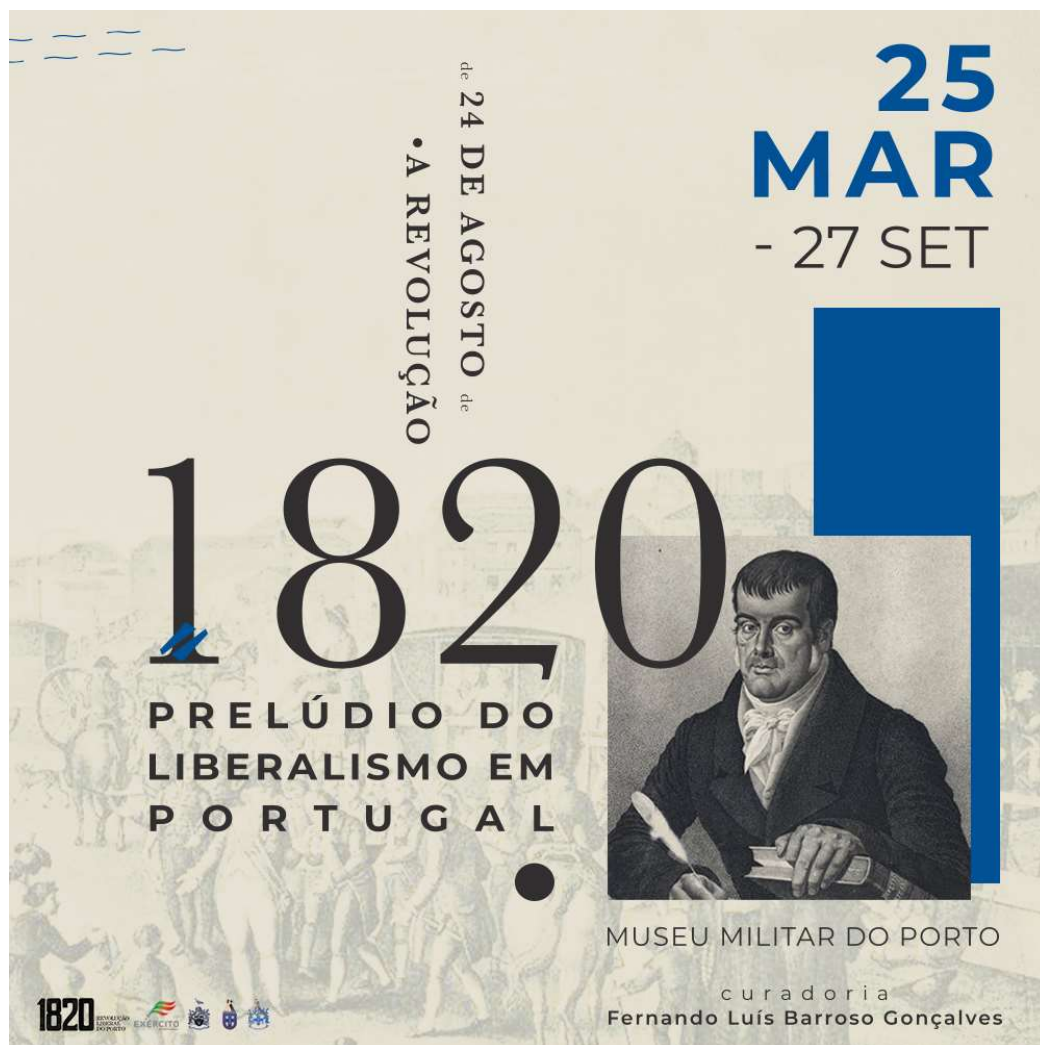


Figura 6 Flyer e para difundir em convite e nas redes sociais. Trabalho final da designer, este trabalho foi impresso em formato 1m x1m.,

O grupo de vigilantes, responsáveis pela segurança e controlo das entradas no espaço expositivo, pertencem aos quadros do MMP.

1.4 Núcleos expositivos

Dividi a exposição em quatro grandes núcleos a que chamei sala pela facilidade com que podiam ser identificadas quer pelos colaboradores quer pelos futuros fruidores da exposição. Escolhi dois tipos de objetos para que a exposição não fosse demasiado documental: tridimensionais e gravuras. A Sala 1- Sala dos Antecedentes, quis que integrasse peças e objetos ligados à motivação da mudança da conjuntura social e económica de que o País vivia desde as invasões francesas ou guerras peninsulares como alguns historiadores preferem denominar a agressão napoleónica ao nosso País. Na Sala

2- Sala do Sinédrio preferi a utilização de peças museológicas ligadas à atividade clandestina que foi a criação do grupo discreto que pensou e preparou a Revolução de 24 de Agosto de 1820. A Sala 3- 24 de Agosto de 1820 aproveita o acervo ligados aos acontecimentos do dia 24 de Agosto e a aquilo que esta revolução reivindicava. A Sala 4- Consequências utiliza as peças museológicas ligadas às consequências e resultados deste pronunciamento militar da cidade do Porto de agosto de 1820.

Os materiais escolhidos a partir do Acervo do MMP, foram selecionados numa relação direta com o espaço expositivo, pois este oferecia algumas limitações, sobretudo pela área porque só estavam disponíveis 100m² o que limitava o número de peças a expor bem, como a sua tipologia (Anexo E – Lista completa com imagem dos objetos selecionados p. 67). A utilização maximizada de luz natural foi um detalhe importante no desenho do espaço, do ponto de vista estético e de conforto relativamente à utilização de iluminação não natural. A luz natural proporciona efeitos peculiares naquele espaço, e garante uma iluminação eficiente e de qualidade em determinados dias e horas. A visão humana reponde melhor à luz natural mas a distancia entre o espaço expositivo e o exterior é de apenas dois metros o que não deixa espaço de transição suficientemente capaz de criar uma adaptabilidade confortável para o visitante. A luz do espaço é lateral e, embora haja uniformidade de distribuição porque as aberturas estão uniformemente distribuídas pelo edifício tem algumas limitações na distribuição pelo espaço expositivo. Não existem aberturas zenitais de iluminação natural para serem utilizadas como solução primordial de qualidade de luz no espaço, pelo que optei pelo recurso a iluminação artificial com recurso à tecnologia LED, por ser mais adequada. Esta solução é utilizada

em complementaridade com a luz natural e garante uma boa cobertura por todo o espaço expositivo.

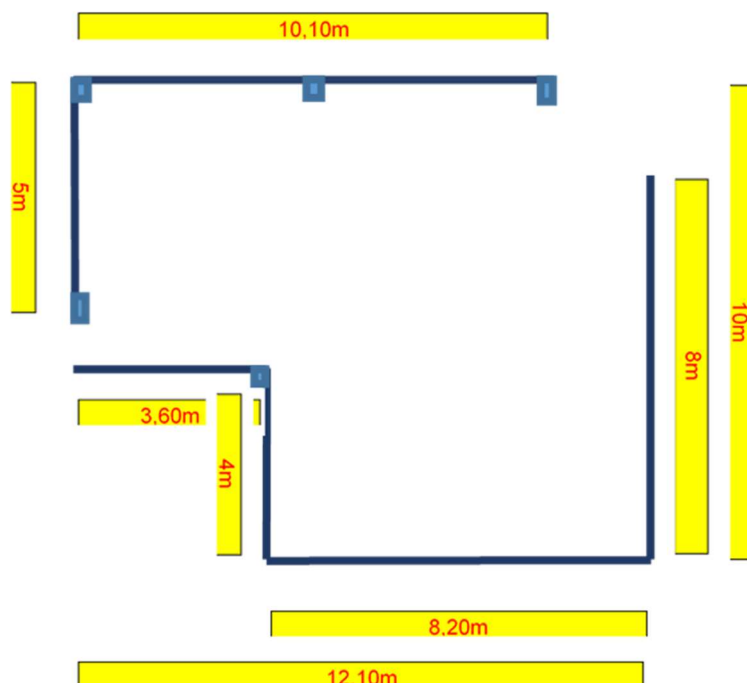


Figura 7 - Esquema Geral da área expositiva.

Assim de acordo com esta realidade, selecionei, para a Sala 1, correspondente ao Núcleo 1, “Os Antecedentes”, setenta e uma peças, duas pinturas a óleo, uma maquete miniatura representando o desastre da ponte das barcas, dez gravuras expostas em duas paredes, dois manequins colocados diretamente no piso, doze armas expostas em duas vitrines e uma vitrine contendo quarenta e uma miniaturas de soldadinhos de chumbo. Na Sala 2 foi colocada na parede do lado direito um conjunto de gravuras, na parede frontal onze gravuras, na vitrine alta oito alfaías litúrgicas, dois missais do século XIX, um têxtil

litúrgico (um corporal), e cinco peças de mobiliário, dois castiçais, um manequim uma peça de montanha e uma bandeira da Monarquia.



Figura 8- Vista Geral da Sala 1, onde podemos observar o conjunto das peças selecionadas em disposição definitiva.



Figura 9- Vista parcial da Sala 2, "O Sinédrio"

Na Sala 3 coloquei em quatro vitrines dezasseis peças de armamento, sendo duas delas espingardas de pederneira, um capacete de cabedal do século XVIII, uma proteção de dorso e treze espadas, um manequim com fardamento de soldado do Regimento de Infantaria nº18, Regimento que estava quartelado no quartel da Praça de Santo Ovídeo onde decorreram as primeiras ações da Revolução. Nas paredes amovíveis da sala expuseram-se doze gravuras relativas a fardamento da época e alguns textos da coleção Vitorino Ribeiro contendo hinos de louvor à revolução, na parede fixa quinze gravuras representando os membros da Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, uma balança representando o equilíbrio da justiça, uma gravura pintada por Joaquim Vitorino Ribeiro alusiva à Revolução de 1820, e duas telas alusivas às proclamações da Revolução

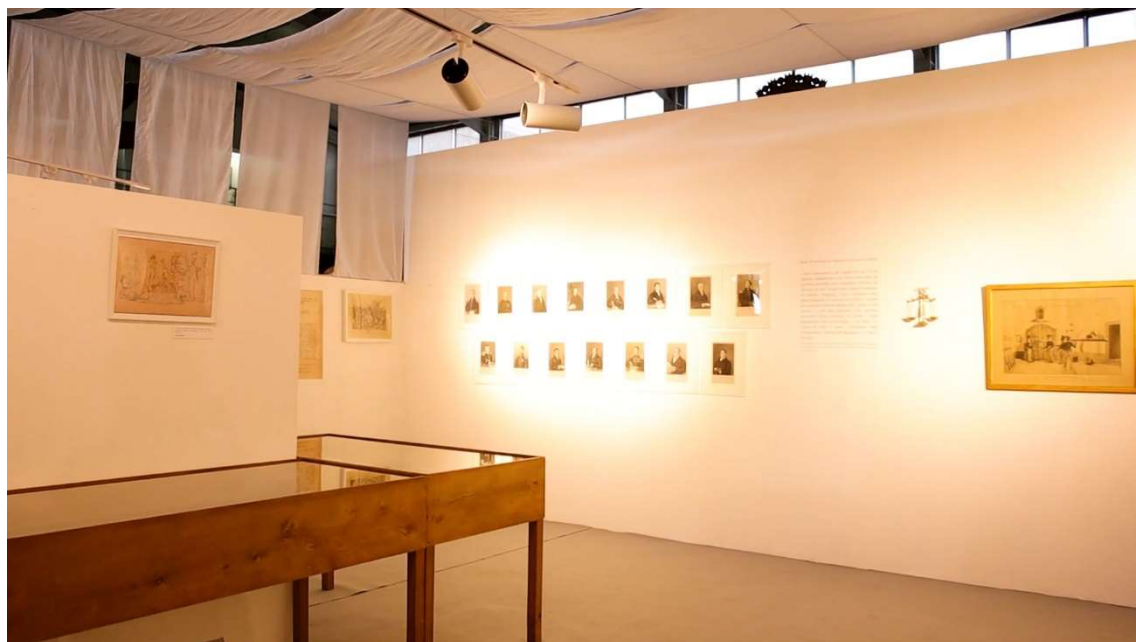


Figura 10 Vista parcial da Sala 3, “24 de Agosto de 1820”.



Figura 11 Outra perspectiva da Sala 3, Sala 24 de Agosto de 1820.

Para a sala 4, correspondente ao núcleo 4, intitulado “As Consequências”, reuni doze gravuras e uma tela, e uma vitrine com textos da época, que entendi serem os mais representativos das consequências da Revolução de 24 de Agosto de 1820; uma vitrine alta com três textos uma medalha e um baixo-relevo de cariz irónico/humorístico com as figuras do Rei D. João VI e da Rainha D. Carlota Joaquina.



Figura 12 Vista parcial da sala 4 - As Consequências -, onde podemos visualizar em primeiro plano um retrato de D. Pedro IV.

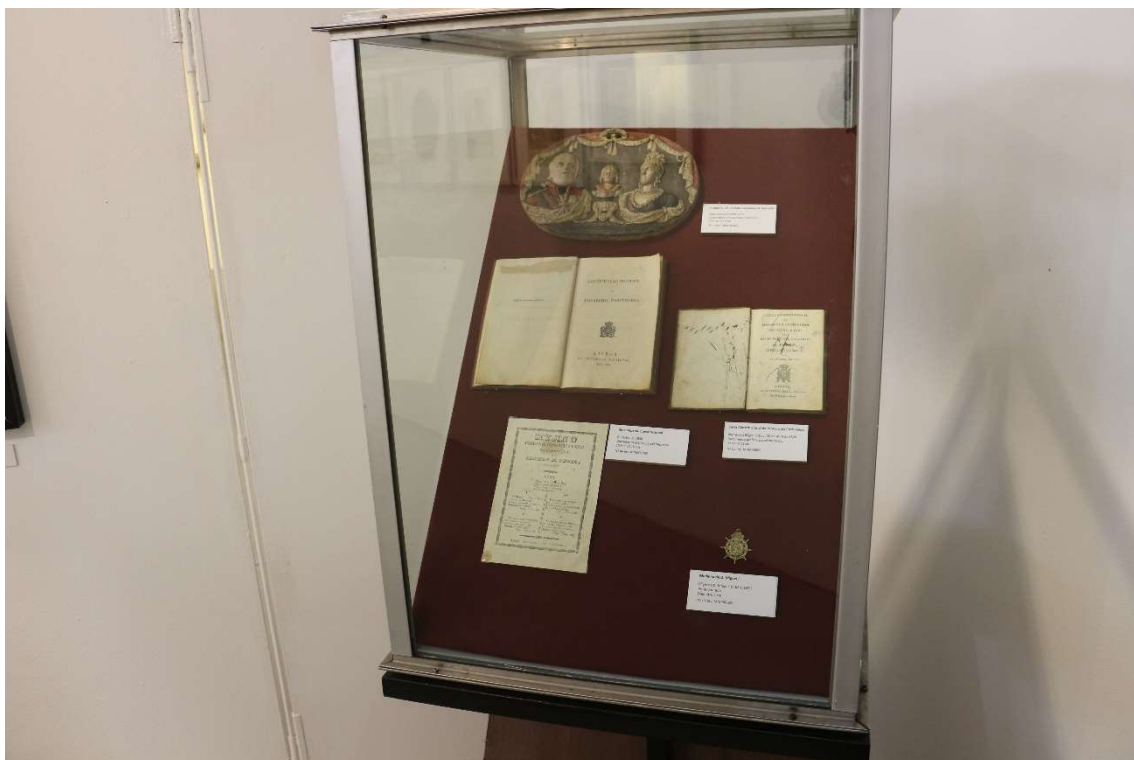


Figura 13 Pormenor da vitrine contendo três textos uma medalha e um Baixo-Relevo.

2. Empréstimos

O processo de empréstimos foi feito com o Museu Militar de Lisboa, tendo sido pedidos orçamentos para os seguros das obras a integrar a exposição.

A ficha técnica de cada peça contém os critérios e parâmetros das condições de conservação preventiva, com detalhe para a temperatura, humidade relativa e iluminação. O contrato de empréstimo tem um conjunto de deveres e obrigações exigidas pelo MML, validado depois de assinado pelos responsáveis e caducando depois da devolução e verificação das condições da peça.

3. Projeto Museográfico

O projeto museográfico de uma exposição temporária é um elemento fundamental, tanto maior quanto mais complexa esta for. O trabalho de conceção, montagem e instalação de uma exposição está centrado na produção de uma estrutura que simplifique a visita e desobstrua o caminho para que o visitante capte mais facilmente aos significados e mensagens, e se aproprie da narrativa na sua perspetiva individual: *A necessidade de reorganizar e modernizar os espaços museológicos tem conduzido, de*

*resto, a importantes campanhas de obras em alguns dos principais museus de arte do país.*²⁵

O projeto museográfico correspondeu ao objetivo da exposição. Desenhado e concebido com o intuito de provocar emoção no visitante, o projeto museográfico da exposição foi da minha autoria e obedeceu aos critérios museográficos apreendidos na componente letiva do curso, nomeadamente na Unidade Curricular de Planificação e Programação Museológica, no âmbito da qual desenvolvi o projeto “O Exército Português em Lagos 1762-1974: Fundamentos para a criação de um Núcleo museológico do Exército na Cidade de Lagos”.

Na organização do espaço tive a preocupação de desenhar uma porta/área de entrada e outra de saída, assim como uma entrada de luz natural. A planta da exposição compreendeu 1/4 da área do Pavilhão e dividiu-se em secções por meio de painéis e vitrinas num jogo de tonalidades a branco e preto. A iluminação artificial que incidia sobre determinadas peças produzia efeitos cenográficos que captavam a atenção do visitante.²⁶

Elaborei uma maquete em poliuretano expandido à escala 1/100 para mais facilmente transmitir à direção do museu, bem como aos mais diretos colaboradores, a configuração do espaço e o lugar onde seriam colocadas as novas paredes, as paredes amovíveis, as vitrines, o mobiliário, as peças tridimensionais, e as gravuras nas paredes. Por estas razões, construí a maquete com uma dimensão suficiente para poder colocar folhas em formato A4 coladas nas paredes e miniaturas representando os objetos

²⁵ Barranha, op. cit, p.144.

²⁶ Como se as peças em exposição encerrassem em si os elementos e contributos necessários para estabelecer uma atmosfera e um sentido para a imagética do tempo histórico que ela evoca, por outras palavras, utilizar as estratégias possíveis para transportar o visitante para os anos de 1820.

tridimensionais, tais como vitrines, um banco central para descanso dos visitantes da exposição.

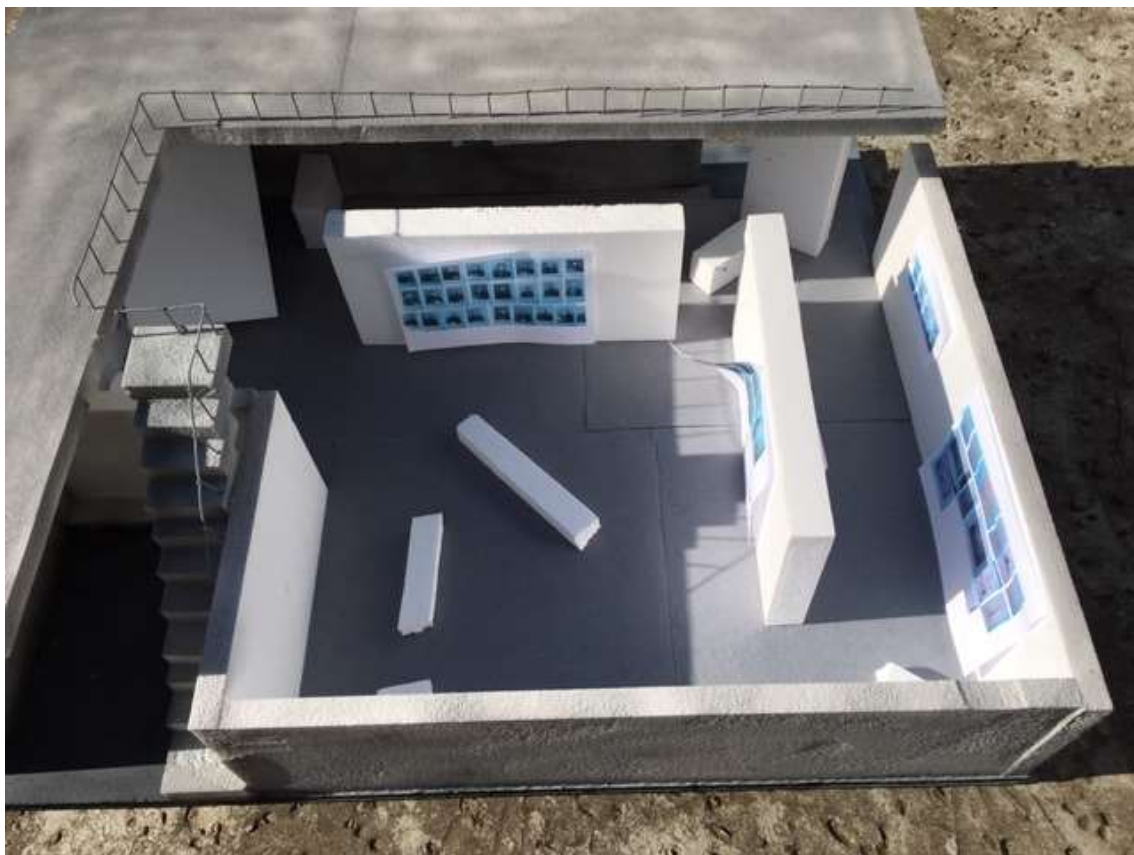


Figura 14 Vista geral da maquete.



Figura 15 Outra perspectiva da maquete. Num plano inferior indica o acesso à área expositiva do exterior do pavilhão. O piso que se visualiza em cimento é o piso real do exterior do pavilhão.

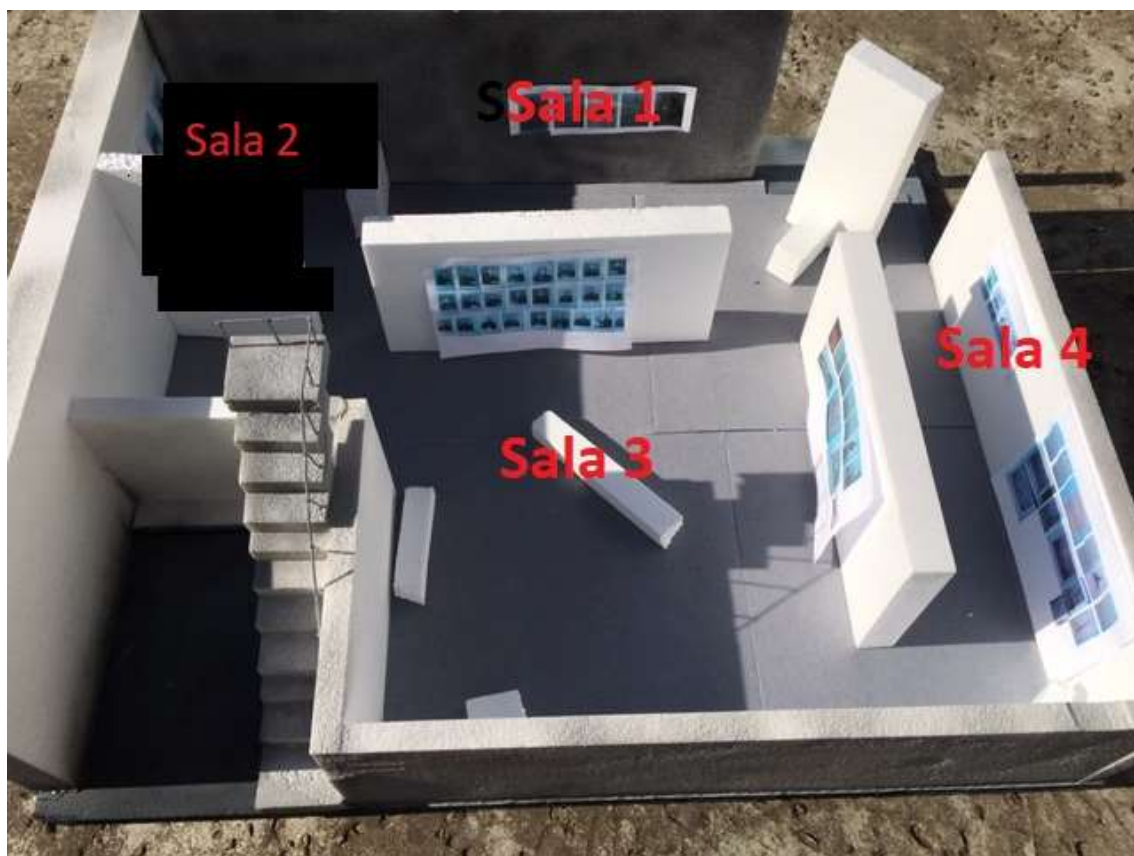


Figura 16 Perspetiva aérea com indicação das salas de exposição.

3.2 Alterações ao Projeto

Durante a fase de preparação da exposição, o projeto da exposição temporária sofreu uma alteração de calendário e de espaço. Programada para Março de 2020, a exposição temporária, foi adiada para Outubro de 2020, fruto dos efeitos da pandemia COVID 19 e das medidas tomadas de acordo com a DGS e o cumprimento escrupuloso dos diversos estados de segurança que o país atravessa.

4. Comunicação

Comunicação é um processo de transmissão de uma mensagem entre um emissor e um recetor, através do uso de recursos físicos, como a fala ou a visão ou ainda através de dispositivos técnicos.

Os museus comunicam para divulgar o património museológico, para que, possam transmitir conhecimentos, incentivar a investigação, ser um veículo complementar ao ensino Básico e Secundário e as universidades sénior,

respondendo às expectativas de quem os visita e potencializar novas visitas, os museus são neste sentido mais um complemento de educação, cultura e em bem estar social.

A divulgação do discurso dos museus fazer-se, principalmente, através das suas exposições, permanentes ou temporárias que resultam do estudo e investigação que o museu realiza. Nas exposições são dispostas peças, ao longo de um percurso, para divulgar o seu valor, histórico, científico, social ou tecnológico.

Os museus comunicam através de objetos complementados com textos e outras estratégias de comunicação, nomeadamente as hoje muitos utilizadas plataformas digitais que são apresentados nas suas exposições. Os visitantes, ao receberem estes conhecimentos, apreendem significados em muitos casos ligados às suas próprias vidas. Os museus transmitem uma mensagem, que cria uma reação e envolvimento dos visitantes. Transformando e promovendo a mudança de atitudes e comportamentos levando mesmo a uma maior consciência da importância da arte, da cultura e do património.

4.1 Textos informativos

Na escrita dos textos para exposição, segui alguns princípios orientadores como os enunciados no ensaio de Lucy Trench, editora para assuntos de interpretação no Victoria and Albert Museum em Londres, que em dez pontos assinala alguns conselhos para a escrita de textos em contexto museológico.

Segundo esta autora, no ponto três do seu ensaio o número de palavras deve ser limitado: “As pesquisas no V&A mostram que mesmo os especialistas preferem ler textos curtos num museu, onde estão sempre de pé e muitas vezes cansados. Recomendamos que os painéis não tenham mais de 150 palavras e as tabelas 50”.²⁷

Considerar tanto os conteúdos, como a forma da comunicação escrita é, cada vez mais, uma questão central no debate entre os profissionais dos museus, sendo fundamental recorrer a técnicas de escrita de textos numa linguagem acessível e inclusiva.

²⁷ TRENCH, pp70.

Sensibilizado para o tema das acessibilidades, procurei na fase de preparação da exposições e na elaboração dos textos, escrever frases curtas, com linhas que com o máximo 45 caracteres, fazendo coincidir o fim da linha de texto com o fim natural da frase. Recorri também a palavras correntes e optei por uma estrutura simples da linguagem falada, evitando subordinações desnecessárias ou uma carga excessiva de adjectivos e advérbios. Estructurei os textos em parágrafos curtos para chegar aos públicos de forma eficaz, utilizando uma narrativa clara através de textos rigorosos. Todos os textos

Em 1806, Portugal recusa aderir ao Bloqueio Continental declarado por Napoleão Bonaparte, com o objetivo de isolar economicamente a Inglaterra. As tropas francesas invadiram, por esse motivo, as fronteiras portuguesas, culminando na fuga das cortes para o Brasil.

Com a ajuda das tropas britânicas, Portugal saiu vitorioso. Ainda assim, o país sofreu um período de fragilidade económica, devido à destruição do Pacto Colonial por D. João VI, que levou à abertura dos portos brasileiros ao comércio direto com a Inglaterra.

Portugal, descontente com o comércio e com a permanência e controlo dos militares britânicos, constituiu o “Supremo Conselho Regenerador de Portugal e do Algarve”, liderado pelo General Gomes Freire de Andrade, com o objetivo de afastar o controlo militar das tropas britânicas de Portugal e implementar em Portugal o liberalismo. No entanto, o General e outras 12 personalidades acabam por ser acusados de traição e conspiração contra a monarquia Portuguesa, representada na altura pelo General britânico William Carr Beresford.

Figura 17-Exemplo de um texto de parede.

e tabelas

**Pistola Inglesa de Pederneira para tropas de
Cavalaria Pesada 14 mm**

Pistola Inglesa de Pederneira para tropas de Cavalaria Pesada. Pistola de cano cilíndrico em ferro de alma lisa. Fecho de pederneira com cão tipo pescoço de cisne. Na superfície central do fecho destaca-se o monograma "GR" coroadado. A coronha é em nogueira com guarnições em latão. A vareta é em madeira com calcador em latão. Na face esquerda possui uma vareta em ferro para encaixe no talabarte.

Figura 18- Exemplo de uma tabela.

foram concebidos por mim, a sua impressão e colocação contaram com a minha supervisão.

A leitura dos textos fica ao critério do visitante, e serão “mais apreciados se tiverem uma dimensão humana que os relacione com as experiências de cada um. Há histórias para contar sobre as pessoas que estão por trás das peças – quem os fez, quem os usou, quem os colecionou. Essas histórias darão vida aos objetos e aproximá-los-ão do visitante fazendo com que perdurem na sua memória”.

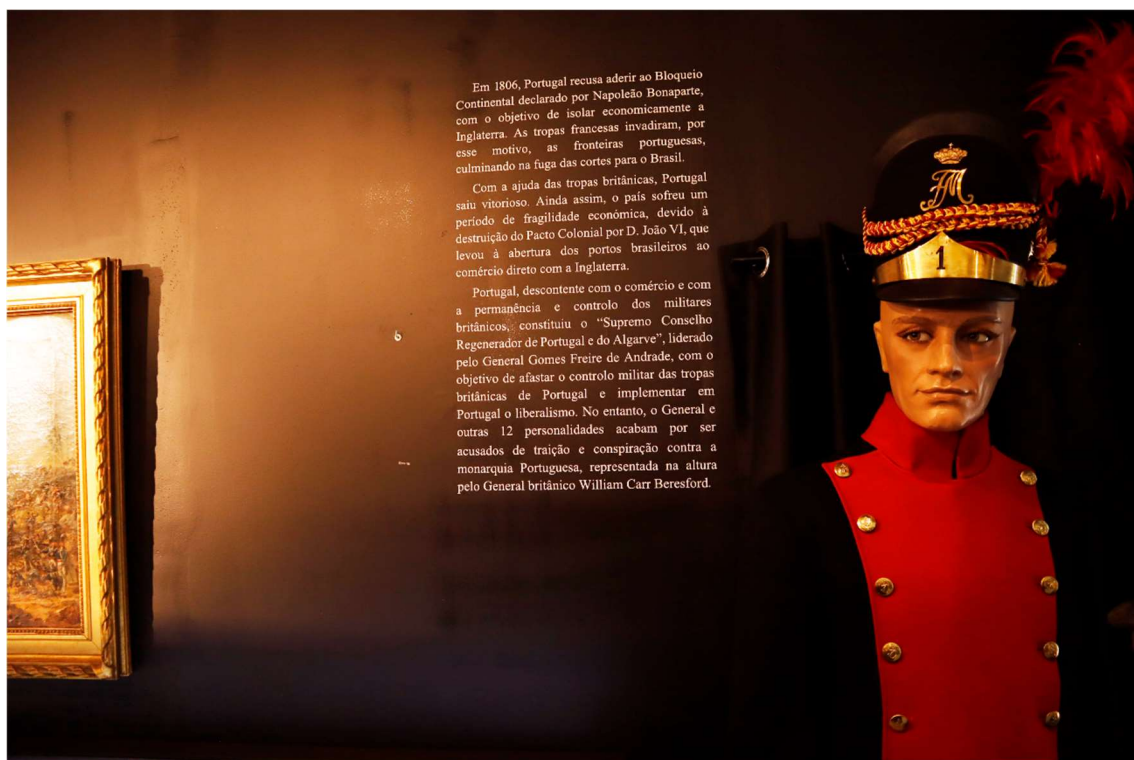


Figura 19 Pormenor de um texto de parede, onde se percebe o enquadramento entre a figura de um manequim e o texto de letras brancas a contrastar com a parede escura, que pretendia lembrar este período sombrio da história de Portugal.



Figura 20 Exemplo de um texto de parede que teve a preocupação de ser curto e utilizar uma escrita acessível.

4.2 Educação e Mediação

O papel de educação e de mediação é de capital importância porque integra a mensagem e o recetor desta num mesmo plano, isto é, o recetor da mensagem pode apropriar-se dos conteúdos desta.

Neste sentido elaborei um texto final com o plano educativo e de mediação (Anexo F- Programa educativo, p.90). O programa educativo inicial passava por criar visitas guiadas e oficinas. Foram programadas 24 oficinas para crianças e jovens, e 5 para público sénior. O objetivo era tentar criar uma relação de proximidade com a comunidade local, sendo importante trabalhar diretamente com as escolas. Este tipo de mediação passava por elaborar fichas de leitura a entregar aos professores, que posteriormente os entregariam aos alunos para complementar as visitas.

Foram planeados contactos com os pelouros da Educação e da Ação Social da Junta de Freguesia do Bomfim e da Câmara Municipal do Porto, a quem nos associaríamos, para receber todos os tipos de públicos com quem costumam trabalhar, crianças, jovens e público sénior, para saber que tipo de atividades desenvolvem e que tipo de instituições na freguesia trabalham também com esses públicos. Pensei que um total de cerca de 200 crianças, que se juntassem ao projeto em quatro dias, em grupos de 50 pessoas por dia, com as seguintes faixas etárias: 6-8 anos, 8-10, 10-12 e 12-14 anos, cada grupo dividido em 25 pessoas e escalonado em janelas horárias das 10H00 às 12H00, e das 14H00 às 16H00.

Estava igualmente previsto solicitar ao pelouro da Ação Social para o público sénior que contactasse as várias instituições com quem trabalham, de forma a assinalar potenciais interessados.

Foi pensada uma mesa redonda com vários oradores, pois no seguimento do projeto de proximidade com a comunidade local, seria interessante propiciar um contacto direto com a mesma.

A partir deste momento foi importante pensar em algo mais para dinamizar a exposição, além da mesa redonda, pelo que, após alguma reflexão, surgiu a ideia de fazer um ciclo de conversas/tertúlias mais abrangente, dialogante e informal, a partir da ideia da importância da história e da memória coletiva. Assim, acabei por pensar um encontro com 6 convidados que estivessem disponíveis para duas datas que tinha em aberto. Esse encontro/tertúlia ou conversa informal seria conduzido por um moderador e dois oradores, em dois dias diferentes.

Pensei no ciclo de conversas como uma pequena programação curatorial, em que pretendia proporcionar um espaço de debate acerca das particularidades e possibilidades do tema e do conceito da exposição nas diferentes áreas do espaço expositivo sobretudo para fazer a um publico mais heterogéneo a história que a exposição pretende contar.

O convite para a inauguração foi dirigido a uma lista de pessoas e instituições previamente elaborada pelo MMP.

4.3 O Catálogo

A produção do catálogo, conduzida pelo coordenador editorial, função que também acumulei, é um importante elemento de comunicação da exposição temporária.

A estrutura do catálogo, que segue de perto a da própria exposição, compreende textos ilustrados que focam as diferentes salas e peças da exposição, uma bibliografia especializada, um índice onomástico, e ainda uma relação de reproduções das peças com a ficha técnica de cada uma. Todos os textos são da minha autoria e seguem o mesmo princípio de textos curtos para privilegiar a imagem.

4.4 Divulgação

O MMP assegurou a divulgação da exposição, e patrocinou a elaboração de um vídeo de divulgação.²⁸

Para a inauguração da exposição o Serviço de Apoio do MMP formalizou o convite dirigido a figuras protocolares e institucionais.

²⁸ Em anexo a este relatório uma gravação do vídeo elaborado pela empresa IberBússola, em registo CD-ROM. O vídeo pode ser visualizado também em: <https://www.facebook.com/museumilitardoporto/videos/2708515922810297>.



Figura 21- O convite oficial.

4.5 Merchandise

Os Serviços da Liga dos Amigos do MMP tem objetos, e livros relacionados com o tema da exposição, colocados à venda, na loja do MMP, estando previsto também aí colocar disponível o catálogo da exposição, até à data de entrega deste relatório o catálogo ainda não estava finalizado.

5. Montagem

Apresento de seguida, uma descrição comentada sobre o desenvolvimento das tarefas associadas à montagem da exposição, que foi orientada por mim. A instalação contou com a colaboração complementar de técnicos de conservação e restauro do MMP para a instalação de algumas das peças da exposição, cumprindo assim todos os protocolos de preservação exigidos.

5.1 Planeamento e Desenvolvimento das fases operacionais

A fase operacional começou com a receção das caixas de transporte em madeira, o transporte das peças vindas do MML e da sua Delegação no Museu Militar do Bussaco, A sinalética exterior era clara e visível, e cada caixa continha um revestimento interior

para amortizar os embates e vibrações. Os materiais utilizados no acondicionamento térmico e de humidade eram quimicamente estáveis, neutros e resistentes, adequados à fragilidade, dimensões e peso das peças. As caixas provenientes do MML agrupavam-se em compartimentos distintos, de forma a imobilizar cada uma das peças. No momento da abertura das caixas, o conteúdo foi conferido com a documentação.

A abertura das caixas efetuou-se depois de um período de 24 horas de aclimatização para respeitar as normas de conservação preventiva das peças de tecido. A chegada das caixas de transporte ao espaço expositivo antecipou uma série de tarefas prévias, como a instalação das mesas de trabalho para manipulação e exame das peças nas melhores condições de segurança e iluminação, e a preparação de uma bancada de apoio para todos os instrumentos auxiliares e ferramentas.

O calendário da instalação dependeu essencialmente de três fatores: o número, a heterogeneidade das peças, e o grau de minúcia exigido no seu manuseamento.

6. Encerramento e Desmontagem

O encerramento e desmontagem da exposição não decorreu segundo o planeado por decisão de adiamento da exposição para o dia 30 de dezembro de 2021, fruto do contexto pandémico da Covid 19. Foi portanto adiado o encerramento para data posterior à elaboração deste relatório, mas, estava planeado o manuseamento de todas as peças segundo as regras de segurança e proteção de todas as peças.

O encerramento da exposição ao público marca o início do calendário da desmontagem da exposição. Contudo, o encerramento da exposição só se cumprirá com a devolução das peças, de acordo com o protocolo de empréstimo.

7. Dificuldades na execução das tarefas

No âmbito da organização, da gestão e da coordenação de exposições temporárias, a fase de coordenação técnica tem um conjunto de tarefas específicas que acompanham momentos diferentes: a preparação, a exibição e o encerramento da exposição. A coordenação técnica prevê, numa primeira etapa, a preparação prévia ao período da exibição e, numa segunda etapa, o encerramento ao público.

A execução das tarefas operacionais foi orientada por mim e consistiu em organizar a lista dos emprestadores tendo em atenção a forma de nomeação solicitada e

expressa na ficha de empréstimo, ordenar a lista das obras cujas imagens seriam reproduzidas no catálogo que estavam ao abrigo da propriedade do MMP, e organizar a lista dos créditos fotográficos de cada imagem com o objetivo de serem publicadas no catálogo da exposição.

É importante a indicação da entidade emprestadora no catálogo, na medida em que o empréstimo temporário de uma peça da coleção de um museu, para uma exposição de caráter temporário, é uma importante função museológica que se torna mais evidente neste caso, pois os museus militares estão associados em rede. Tornar os museus e as suas coleções acessíveis ao público é um objetivo das organizações internacionais de profissionais de museus. Em Portugal, essa função museológica está consagrada na lei²⁹.

Não houve dificuldade com as obras cujas imagens foram reproduzidas na exposição e no catálogo, por não haver aplicação de direitos de autor.

As peças exibidas na exposição foram acompanhadas por uma tabela com a informação técnica da peça. A tabela técnica contém a informação técnica da peça e a bibliografia associada.

A tarefa de pesquisa não apresentou dificuldades, na medida em que eu já conhecia as coleções e sabia em que catálogos e obras de referência a informação estaria disponível. A informação documental relativa às peças das Coleções está contida nas fichas de inventário.

CAPÍTULO IV – Breve Apreciação Crítica das atividades

1. Breve análise das atividades programadas

Para a viabilização do estudo de públicos da exposição temporária, procurei estar na área da exposição para a observação direta dos visitantes, para as visitas orientadas, e para entregar aos visitantes um pequeno inquérito (Anexo G -Modelo do inquérito p .92).

1.1. Visitas Guiadas

²⁹ Diário da República n.º 195/2004, Série I-A de 2004-08-19, Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, Aprova a Lei.Quadro dos Museus Portugueses.

O Serviço Educativo do Museu tem as suas atividades e programas associados ao programa museológico e à singularidade das Coleções do MMP. Os programas baseiam-se em princípios orientadores e objetivos, os quais justificam um programa específico de visitas orientadas destinadas aos públicos em idade escolar e adultos. As visitas orientadas aos públicos da exposição temporária “A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal” foram calendarizadas pelos serviços do MMP e, até à presente data, realizadas por mim³⁰. Utilizo o termo público no plural para transmitir a ideia de heterogeneidade.³¹

As visitas orientadas, com marcação prévia, foram dirigidas aos públicos escolares, especificamente orientadas para grupos do ensino básico e secundário. Para além dos públicos escolares, as vistas orientadas, por marcação, pelo Serviço Educativo foram dirigidas ao público que visita o museu habitualmente.

O fundamento programático da exposição procurou ser o mais acessível possível, proporcionando a todos as mesmas condições de fruição. A acessibilidade foi assegurada na exposição com clareza e perfeitamente orientada, levando em linha de conta as novas regras de segurança da Direção Geral da Saúde.

A exposição é um instrumento de informação, comunicação e diálogo, pelo que tive uma preocupação especial em adotar e desenvolver várias estratégias para estimular o visitante e tentar desenvolver as suas faculdades para apreender a mensagem.

O uso de uma nova ferramenta como os códigos QR (quick response),

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=YfTn18olkMY>

³¹ Gomes, *Os Públicos da Cultura*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2004, p.10.

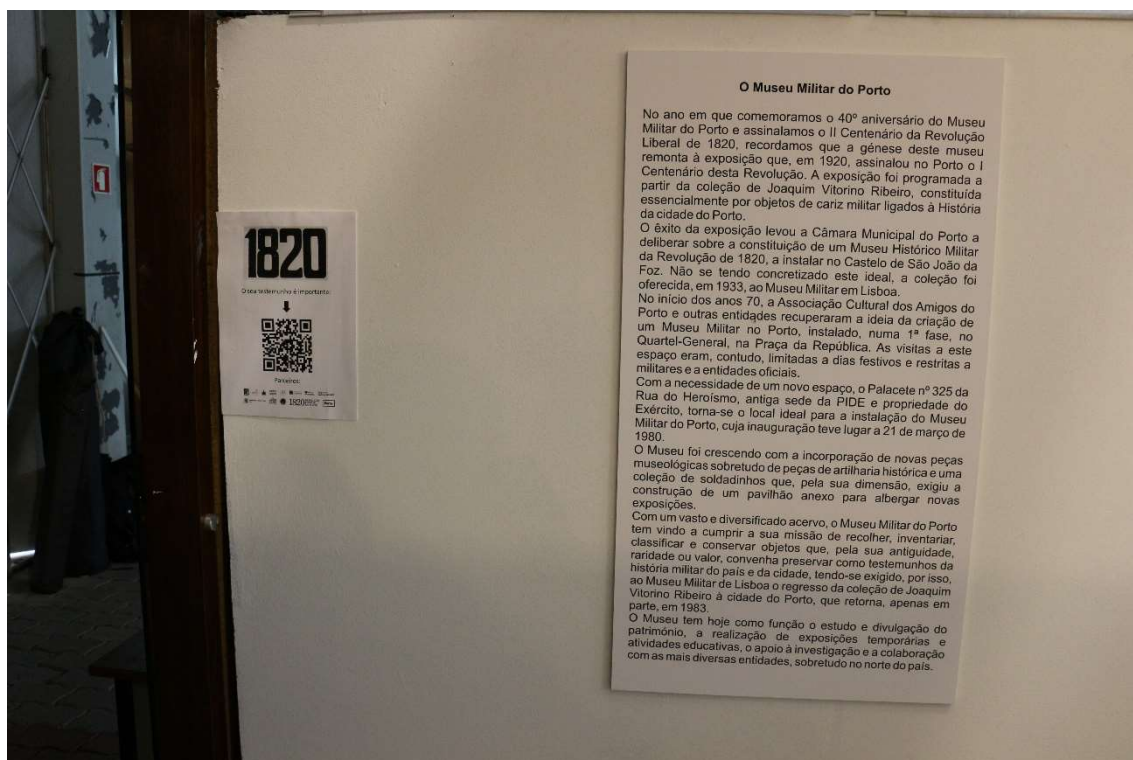


Figura 22- Pormenor do QR à esquerda.

que coloquei no final do circuito expositivo, foi um ponto neste processo bastante eficaz, no sentido em que o público pode aqui deixar os seus comentários, sugestões ou até solicitações, o código poderá ser utilizado como uma. A sua facilidade de implementação, sem custo associado, e o facto de qualquer pessoa poder ter acesso a essa ferramenta caso seja portador de um telemóvel com câmara e software para decodificar o código, são elementos muito úteis.

1.2 Breve análise ao inquérito e ao comportamento dos visitantes

Os dados quantitativos da exposição foram fornecidos pelos Serviços do MMP que contabilizam o número de visitantes da exposição. O número total de visitantes, da exposição “A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal” no período compreendido entre de 01 de Outubro 2020 a 30 de Dezembro do 2020 foi de cerca de uma centena de visitantes.³²

Os motivos que conduziram os visitantes à exposição temporária são variados e estão associados a outras iniciativas do MMP, mas para a maioria a razão da visita foi o tema da exposição. Maioritariamente as visitas fizeram-se em grupos organizados.

³² Em termos comparativos e, segundo a informação dos Serviços, a média de visitantes das exposições temporárias organizadas pelo MMP situa-se entre os 7.000 e os 11.000 visitantes.

O Museu Militar do Porto, faz um registo diário, mensal e anual do número de visitantes que frequentam esta instituição. Este registo é feito pelo vigilante que se encontra na porta principal, que para além de anotar o número de visitantes, faz também uma caracterização dos mesmos, por nacionalidade, faixa etária, se são isentos do pagamento do bilhete ou, se estão sozinhos ou em grupo.

As temáticas diversificadas das exposições temporárias e permanentes patentes a neste museu, torna o mesmo apelativo para todas as faixas etárias e diferentes formações, desde os que têm curiosidade de conhecer e aprender mais sobre a história militar, aos que querem visitar a coleção de soldadinhos de chumbo, ou, turmas escolares do 9º ao 12º ano que no âmbito da disciplina de História, acompanhados pelos seus professores, visitam este espaço de forma a complementar os conteúdos lecionados em contexto de sala de aula.

Apesar do Museu Militar do Porto possuir uma vasta oferta de exposições e atividades apelativas a todas as idades, este não se encontra apto para receber pessoas com mobilidade condicionada no edifício principal dado a inexistência de elevador ou rampa, sendo apenas possível o seu acesso com recurso/através de escadas. Apenas no Pavilhão de Armas se verifica a existência de uma rampa, conferindo assim acessibilidade total ao local.

Para a fase de encerramento da exposição planeei um dossier de imprensa que encerra o projeto. A produção do dossier de imprensa consistiu na pesquisa e recolha de fontes diversas relativos ao tema da exposição publicados na imprensa escrita, em jornais e revistas e outros.³³

Os motivos que conduziram os visitantes à exposição temporária são variados e estão associados a outras iniciativas do MMP, mas para a maioria a razão da visita foi o tema da exposição. Maioritariamente as visitas fizeram-se em grupos organizados.

O Museu Militar do Porto, faz um registo diário, mensal e anual do número de visitantes que frequentam esta instituição. Este registo é feito pelo vigilante que se encontra na porta principal, que para além de anotar o número de visitantes, faz também uma caracterização dos mesmos, por nacionalidade, faixa etária, se são isentos do pagamento do bilhete ou, se estão sozinhos ou em grupo.

³³ Anexo H. Dossier de Imprensa.

As temáticas diversificadas das exposições temporárias e permanentes patentes a neste museu, torna o mesmo apelativo para todas as faixas etárias e diferentes formações, desde os que têm curiosidade de conhecer e aprender mais sobre a história militar, aos que querem visitar a coleção de soldadinhos de chumbo, ou, turmas escolares do 9º ao 12º ano que no âmbito da disciplina de História, acompanhados pelos seus professores, visitam este espaço de forma a complementar os conteúdos lecionados em contexto de sala de aula.

Apesar do Museu Militar do Porto possuir uma vasta oferta de exposições e atividades apelativas a todas as idades, este não se encontra apto para receber pessoas com mobilidade condicionada no edifício principal dado a inexistência de elevador ou rampa, sendo apenas possível o seu acesso com recurso/através de escadas. Apenas no Pavilhão de Armas se verifica a existência de uma rampa, conferindo assim acessibilidade total ao local.

Para a fase de encerramento da exposição planeei um dossier de imprensa que encerra o projeto. A produção do dossier de imprensa consiste na pesquisa e recolha de fontes diversas relativos ao tema da exposição publicados na imprensa escrita, em jornais e revistas e outros.

A exposição temporária “A Revolução de 24 de Agosto de 1820: prelúdio do Liberalismo em Portugal” decorre entre o dia 1 de Outubro de 2020 e o dia 1 de Agosto de 2021. Os elementos da amostra do inquérito foram recolhidos entre o dia 2 e o dia 29 do mês de Outubro de 2020. A amostra representa 10% do universo e é composta por 8 elementos. As respostas do inquérito aos visitantes proporcionaram os dados qualitativos da exposição.

A partir dos textos elaborados, a comunicação expositiva manteve uma relação uma direta com a morfologia do espaço que foi destinado para a exposição.

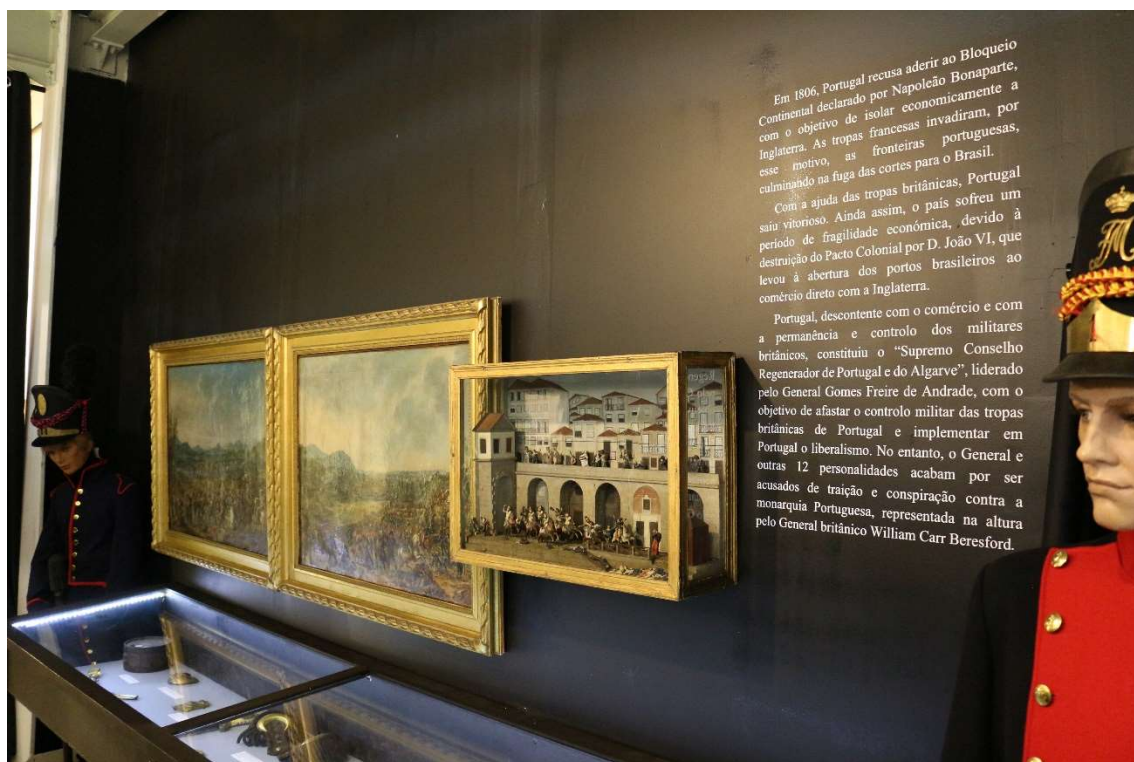


Figura 23 Exemplo de um texto, que pensei ser complementar à contextualização das imagens e peças expostas.

A “*forma como se organizam as instalações no espaço tem consequências*”³⁴ e a morfologia conduz o visitante, durante o percurso expositivo. A relação entre os espaços das salas da exposição levou a maioria dos visitantes a seguir, o caminho sugerido pela museografia. Procuramos optar por “*soluções museográficas que cativam imediatamente os públicos pela via de uma esteticidade celebratória*”³⁵.

O tempo de observação das peças foi variável e dependia do tipo de visitante e do nível de leitura que este estabelecia com as peças e com os textos. As peças de mobiliário da sala II suscitaram alguma curiosidade e também o conjunto de objetos reunidos nas várias vitrinas foi também muito apreciado e observado durante longos períodos.

A maioria dos visitantes utilizou as folhas de sala para seguir o percurso expositivo. O tamanho das letras das tabelas ajudou os visitantes com mais dificuldades visuais a terem uma percepção clara e rápida das mensagens.

³⁴ Rosenberg, “Una question de tiempo y espacio”, In *Museum Internacional*, nº 185 (vol. 47, nº 1). Paris: UNESCO, 1995, p. 6-8.

³⁵ Silva, “Museus em construção”, In *Museologia.pt*, nº 1, 2007, p. 106.

A sinalética e a informação, de proibição do uso do telemóvel, da máquina fotográfica e de transporte de objetos pessoais para dentro do espaço expositivo (sacos, mochilas etc.), o que preveniu problemas de segurança.

2. Avaliação do Projeto

A análise SWOT começou a ser elaborada no início do planeamento e foi sendo continuamente construída (Anexo H – Análise SWOT, p.95).

Esta análise foi um importante instrumento para refletir sobre as possibilidades de aliar a formação teórica ao trabalho no terreno, adquirir competências no quotidiano do museu e, principalmente, operacionalizar a montagem de uma exposição histórico-cultural, desde a sua conceção até à respetiva concretização, passando por todas as fases de um processo tantas vezes de construção como de desconstrução da própria narrativa subjacente ao mesmo.

Os objetivos gerais propostos no plano de atividades foram cumpridos, e as tarefas que me propus realizar foram sendo abordadas de forma positiva e construtiva, tendo sido plenamente atingidas. Foi fundamental a troca de saberes que estabeleci e, sobretudo, pôr em prática toda a componente teórica do estudo da museologia.

Durante o trajeto académico do primeiro ano do curso de Museologia conheci e apreendi diferentes abordagens sobre as matérias ligadas às exposições e o que cada uma reflete e questiona, as práticas que são motivadoras e desafiadoras a propor, e a possibilidade de criar novas abordagens nesta área com particularidades tão específicas, que decorrem da diversidade dos museus, das suas coleções e da extensão da missão e identidade de cada um deles.

O trabalho de projeto foi importante para refletir e apreender o processo de aquisição de competências. As atividades que desenvolvi no museu estão em relação direta com as atividades dos museus e da Museologia e, também numa perspetiva do trabalho prático, com outras áreas disciplinares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de uma exposição é um fenómeno interno de cada museu, do seu curador e da narrativa por ele concebida especificamente para cada projeto e, ao mesmo tempo, um processo exógeno porque dirigida aos públicos. Nesta perspetiva, vejo a avaliação da exposição de forma positiva, pois as duas dimensões do projeto foram concebidas, exploradas, materializadas e revisitadas/monitorizadas pessoalmente com a maior acuidade possível face às condições existentes.

Os primeiros estudos de públicos basearam-se na análise dos comportamentos e dos processos de aprendizagem no decurso de uma visita guiada para avaliação da eficiência e eficácia da comunicação, e para a avaliação da própria temática da exposição, segundo métodos aplicados na área da psicologia e educação. Bitgood³⁶ criou uma divisão dos diferentes itens relacionados com os públicos no museu para estruturar cinco áreas de investigação e aplicação dos estudos de públicos.

Uma das áreas de investigação corresponde à avaliação de exposições: planeamento e desenvolvimento de exposições. Para a transmissão da mensagem de uma exposição, os psicólogos Harris Shettel e Chandler G. Screven desenvolveram investigações sobre os visitantes, aplicaram os procedimentos de investigação educativa à avaliação de exposições propondo a sua finalidade em objetivos de aprendizagem. Screven³⁷ estabeleceu a fundamentação, mediante um modelo para avaliação de exposições a ser aplicado nas várias etapas do processo da planificação e indicou quatro tipos de avaliação no processo de criação de uma exposição, com funções e objetivos distintos e complementares: avaliação prévia; avaliação formativa; avaliação sumativa e avaliação corretiva.

A avaliação prévia aconteceu na fase de desenho da exposição e pretendia avaliar a adaptação da comunicabilidade dos elementos expositivos antes da montagem. A avaliação sumativa aconteceu com a exposição já montada e aberta ao público, e serviu, para documentar o produto final com os elementos de avaliação crítica e, a avaliação corretiva, para identificar os problemas relacionados com o decorrer da exposição e

³⁶ Bitgood citado por SANTOS, *Estúdios de visitantes en museus: metodologias y aplicaciones*. Madrid: Ediciones Trea, 2000, p. 165-166.

³⁷ <https://infed.org/museums-and-informal-education/> (consultado a 11 de Novembro de 2020).

realizar as alterações necessárias para os corrigir ou até para melhorar alguns pormenores antes ignorados.

A avaliação ajuda à tomada de decisão, com melhor controlo da planificação e do processo de criação de uma exposição evitando que a avaliação corretiva esteja mais presente e sendo um processo dinâmico, ser passível de melhorias subtis a cada momento. Quero também sublinhar que os trabalhos e processos que realizei foram sempre enquadrados nos princípios éticos e deontológicos do ICOM.³⁸ Os conceitos e métodos disciplinares da Museologia são a ferramenta teórica de base que permitiram apreender com facilidade as tarefas necessárias para uma boa relação com os meus colaboradores e, assim, atingir em pleno a prossecução do meu objetivo, apesar da conjuntura difícil que atravessamos e que tantos impactos negativos tem causado à cultura em geral, e aos museus em particular.

³⁸ [//www.icom-portugal.org/multimedia/CódigoICOM_PT%202009.pdf](http://www.icom-portugal.org/multimedia/CódigoICOM_PT%202009.pdf) (consultado em 16 de Abril de 2020).

BIBLIOGRAFIA

- ALTSHULER, Bruce - *Biennials and Beyond – Exhibitions That Made Art History*, volume II: 1962-2002. London, Phaidon Press, 2013.
- AZARA, Pedro; Carles GURI - *Arquitectos a escena – escenografías y montajes de exposición en los 90*, ed. bilingue espanhol/inglês. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.
- BARRANHA, Helena - *Arquitectura de Museus de Arte Contemporânea em Portugal. Da intervenção urbana ao desenho do espaço expositivo*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008.
- BARRANHA, Helena; MARTINS, Susana S.; RIBEIRO, António Pinto (eds.)- *Museus sem lugar: ensaios, manifestos e diálogos em rede*. Lisboa: Instituto de História da Arte, FCSH - Universidade Nova de Lisboa, 2015. (<http://hdl.handle.net/10362/15209>)http://unplace.org/sites/default/files/museus_sem_lugar.pdf.
- BARRANHA, Helena (org.)- *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. (<http://istpress.tecnico.ulisboa.pt/node/428>)
- BAKER, Emma- *Contemporary Cultures of Display*. New Haven & London: Yale University Press, 1999.
- BECHTLER, Cristina e IMHOF, Dora (ed.)- *Museum of the Future*. Zurich: JRP/Ringier, 2015.
- CRIMP, Douglas- “The Art of Exhibition” in *On the Museum’s Ruin*. Cambridge (Mass.), 1993, pp 41-57.
- DEAN, David- *Museum Exhibition. Theory and Practice*. London: Routledge, 2001.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Dir.)- *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.
- DESVALLÉES André; MAIRESSE, François (dir.)- *Conceitos chave de Museologia*.
- SOARES, Brulon Bruno Brulon Soares e CURY, Marília Xavier- (Tradução e comentários)- Comité Internacional do ICOM, São Paulo: Armand Colin, 2014.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso & Isabel García, *Diseño de Exposiciones – concepto, instalación y montaje, Arte y Música*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- GEORGE, Adrian, *The Curator’s Handbook*. London: Thames & Hudson, 2015.

- GOMES, Rui Telmo, (coord.)- *Os Públicos da Cultura*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2004.
- GREENBERG, Rusa, FERGUSON Bruce, NAIRNE Sandy- *Thinking about Exhibitions*. London: Routledge, 1996
- SILVA, Raquel Henriques- “*Museus em construção*”, In *Museologia.pt*, nº 1. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, pp.106-119.
- HOFFMANN, Jens- *Show Time: The 50 Most Influential Exhibitions of Contemporary Art*. New York: D.A.P/Distributed Art Publishers, 2014.
- MATOSO, José- *História de Portugal Vol. V - O Liberalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- MARINCOLA, Paula- *What Makes a Great Exhibition?* Edinburgh: Reaktion Books, 2007.
- MINEIRO, Clara, – “*Mas as peças falam por si?!*”, *Museologia.pt*, nº 1. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, pp. 68-74.
- O'DOHERTY, Brian- *Inside the White Cube: The Ideology of the Gallery Space*. Berkeley, CA: University of California Press, 1999.
- OBRIST, Hans Ulrich- *A Brief History of Curating*. Zurich: JRP/Ringier, 2008.
- OBRIST, Hans Ulrich- *Ways of Curating*, London, Faber & Faber, 2014.
- PEARCE, Susan- “*Estructurar el pasado: las exposiciones arqueológicas*”, In *Museum Internacional*, nº 185 (vol. 47, nº 1). Paris: UNESCO, 1995. pp.9-11.
- PREZIOSI, Donald. “Art History and Museology: Rendering the Visible Legible”. In: MACDONALD, Sharon (ed.), *A Companion to Museum Studies*. Blackwell Publishing Ltd: Oxford, UK. 2006, pp.50-63).
- RAJCHAMN, John- “*Les Immatériaux or How to Construct the History of Exhibitions*”, In *Tate Papers*, Autumn 2009.
- RIVIÈRE, Georges-Henri- *La Museologia. Curso de Museologia/Textos y testimonios*. Trad. de Antón Rodrigues Casal. S.l.e.: Ediciones Akal, 1993. (Col. Arte y Estética),
- ROBERTSON, Jean e CRAIG Daniel- *Themes of Contemporary Art: Visual Art After 1980*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- ROSENBERG, Pnina- “*Una question de tiempo y espacio*”, In *Museum Internacional*, nº 185 (vol. 47, nº 1). Paris: UNESCO, 1995.
- PEREZ SANTOS, Eloísa- *Estúdios de visitantes en museus: metodologias y aplicaciones*. Madrid: Ediciones Trea, 2000.

- SEMEDO, Alice- “*Política de gestão de colecções*”. In *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, I Série, vol. IV (Parte 1). Porto, 2005.
- TRENCH, Lucy, MINEIRO, Clara (Trad)- O texto nas exposições do V&A, in *Boletim RPM*. Lisboa: Rede Portuguesa de Museus, nº26, dezembro, 2007.
- TANIZEWSKI, Mary Anne- *The Power of Display: A History of Exhibition Installations at the Museum of Modern Art*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

WEBGRAFIA

- John Rajchman, ‘*Les Immatériaux* or How to Construct the History of Exhibitions: Landmark Exhibitions Issue’, in *Tate Papers*, no.12, Autumn 2009, <https://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/12/les-immatériaux-or-how-to-construct-the-history-of-exhibitions>(acedido a 24 de Maio de 2021).
- <https://www.icomos.org/quebec2008/> (acedido a 11 de Novembro de 2020)
- https://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf (acedido a 11 de Novembro de 2020)
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-militar-do-porto/>
- “CASTELBRANCO, Eduardo Ernesto de”, in *Dicionário quem é quem na Museologia Portuguesa*, disponível em acesso aberto: https://institutodehistoriadaarte.files.wordpress.com/2019/03/dicionario_quemquem.pdf

ANEXOS

ANEXO A- CD-ROM -Vídeos promocionais e fotografias.

ANEXO B - Lista de Tarefas e materiais

- Convite formal de participação
- Conceito curatorial
- Localização, apresentação do espaço expositivo
- Coleções escolhidas
- Breve descrição de cada coleção
- Apresentação localização e proposta das obras escolhidas
- Condições de participação
- Apresentação do curador
- Calcular área paredes a criar/pintar
- Autos recepção/entrega obras
- Solicitar LCD + Mediaplayer + 2 colunas som (qual a resolução do monitor? HD/normal?) - pedir MMP
- MMLisboa pedir 3 Manequins
- Qual o suporte do LCD monitor - parede?
- MMP:
- Lâmpadas Halogénio - alternância luz quente/luz fria – o MMP tem técnicos para alterar as lâmpadas - para além de LED, há outro tipo de lâmpadas.
- Número de projetores disponíveis 17,
- Existência de vitrines porta documentos, em acrílico/madeira,
- Construir paredes sala interior uma amovível;
- Divulgação exposição, que informação e que datas;
- Integrar atividades educativas;
- Infiltração 3ª janela do Pavilhão de Armas,
- layout,
- Envio convites,
- Verificar a fixação das molduras à parede Buchas e parafuso tipo camarão,
- Chão em alcatifa,
- Teto falso em tecido de seda,
- Orçamentos,
- Transporte (ida e volta, embalamento - morada completa de carga e descarga com contacto telefónico no sítio *Accrochage* (montagem/desmontagem),

- Montagem/Desmontagem,
- Fixação das molduras na parede,
- Fixação das telas na parede,
- Fixação dos textos na parede,
- Fixação da balança da justiça na parede,
- Fixação das tabelas de parede na parede,
- Fixação dos textos de sala na parede,
- Cabo aço + Molas + Serra cabos,
- Orçamento para polimento peças (polimento das peças de metal)
- Nível / fita métrica / lápis
- Mudança lâmpadas halogénio (confirmar se o Museu fornece LED)
- Pintura da sala,
- Seguros nada a referir,
- Design,
- Folha de Sala,
- Textos Parede,
- Placas identificação das peças;
- Catálogo online,
- Convite digital,
- Cartazes,
- Anúncios de imprensa,
- Fotografia (catálogo),
- Vernissage / cocktail,
- Segurança – a cargo do MMP,
- Fee a colaboradores - informação formal e aceitação,
- Mecenias,
- Pedir logótipo para efeitos de divulgação
- Tintas
- Programa Paralelo:
- Performance

Anexo C - Cronograma da Exposição

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Conceito e seleção final + texto curatorial			14							
Consulta disponibilidade obras e confirmação de dimensões			21							
Desenvolvimento layout (desenho arquitetónico e especificidades técnicas)	4									
Empréstimo obras e seguros		15								
Transporte		15								
Accrochage	1 a 25							1 de 2021	15-29	
Verificação e relatório de conservação		25-26							10-15	
Conteúdos sinalética e divulgação				11					10	
Design sinalética		20								
Catálogo <i>online</i>										30 ?

Programa educativo e atividades paralelas										De segunda a sexta até 31 dezembro 2021
Datas exposição					25 Março 2020 – 27 Setembro 2020					
Datas reprogramadas					01 Outubro 2020 – 31 dezembro 2021					

ANEXO D - Orçamento

Orçamento Estimativo		
2020/01/15		
RUBRICA	ESTIMATIVA	OBSERVAÇÕES
1. COMISSARIADO		
2. PRODUTOR		
3. PRODUÇÃO		
<i>Fee</i> colaboradores		
<i>Fee</i> empréstimos		
4. LAYOUT		
Design layout		
Execução layout (arquitecturas, pinturas, etc.)		
Equipamentos. suplementares (plintos, vitrines, etc.)		
5. MONTAGEM E DESMONTAGEM		
Obras		
Equipamentos suplementares		
Execução molduras, passe-partouts, etc.		
Execução e montagem equipamentos especiais		
5.1. MONTAGEM/DESMONTAGEM MULTIMÉDIA		
Aquisição de material		
Técnicos de instalação e manutenção	0	incluído na montagem
6. SINALÉTICA E DESIGN		
Design sinalética e lettering (telões, tabelas, etc.)		
Produtor de conteúdos		

Tradução e revisão		
Produção e instalação	0	
7. ILUMINAÇÃO	0	
8. CONSERVAÇÃO E RESTAURO	0	
9. TRANSPORTE		
Embalagem e desembalagem	0	
Recolha e devolução		
Courrier	0	
10. SERVIÇO EDUCATIVO		
Autor projecto	0	
Aquisição de materiais + materiais gráficos		
11. CATÁLOGO		
Design		
Fotógrafo		
12. PROGRAMA PARALELO		
Participantes		
13. COMUNICAÇÃO		
Design	0	
Dossier de imprensa	0	
Anúncios de imprensa	0	
Folheto, folha de sala, Telão Exterior, Cartazes	0	
14. MECENATO		
15. MERCHANDISING		
16. INAUGURAÇÃO		

Atendimento		
Segurança		
Cocktail		
19. DIVERSOS		
TOTAL SEM IVA		
IVA		
TOTAL COM IVA		
aos valores apresentados acresce o valor do IVA	(Imposto Sobre Valor Acrescentado) à taxa legal em vigor	
Budget Utilizado	3200,00	
Budget Disponível	3200,00	

ANEXO E - Lista dos objetos selecionados a integrar a exposição

A Revolução de 24 de Agosto de 1820: Prelúdio do Liberalismo em Portugal – EXPOSIÇÃO Lista inicial e provisória				
MMP	DESIGNAÇÃO	DESCRIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	FOTO
0006 0	Espada de Oficial português	Espada de oficial português, usada no período 1806 a 1834, denominada regulamentarmente de florete. Lâmina do séc. XVII.	Reserva - 71 Painei - K Nº 01	
0069 7	Cantil militar	Cantil militar em madeira com aduelas em ferro	Reserva 71 S	
0067 8	Dragona de Oficial de Caçadores Português, meados do séc. XIX	Dragona de Oficial, com chapa e botões em metal e com as armas reais portuguesas D. Pedro V. Pendentes em cordão castanho.	Reserva 71 S	
0067 9		Cruz processional de Avis, em bronze, com cristo crucificado no anverso e	Reserva 71 T	

	Cruz Processional do séc. XIX	Nossa Senhora da Conceição com o Menino no reverso.		
00704	Dragona de Oficial Português.	Dragona para Oficial Português em metal dourado, em escamas assentes em pano azul ferrete. Possui um botão em metal dourado.	Reserva 71 T	
00708	Gorgeira Portuguesa	Gorgeira Portuguesa de cobre dourado com a inscrição "ESTOU PRONTO" com as Armas Reais repuxadas.	Reserva 71 T	
00706	Chapa de Barretina Portuguesa	Chapa de Barretina Portuguesa, voluntários Reais da guarnição do Porto.	Reserva 71 T	
00630	Sabre-punhal	Punhal de uso civil, ao Estilo Renascimento e ao gosto da 2ª metade do Séc. XIX. Punho fundido de uma só peça em latão dourado e cinzelado, com carrancas e motivos vegetalistas. Lâmina recta de dois gumes com aresta central. Bainha em bronze fundido e dourado com carrancas, puti e motivos vegetalistas.	Reserva 71 Painel U Nº 01	

00004	Adaga	Adaga de caça. Punho em osso, com capacete com motivos vegetalistas e botão. A meio do punho tem aplicações em prata repuxada e cinzelada, com as efígies de D. Maria I e D. Pedro III, Guarda cruciforme em prata repuxada e cinzelada, pérolas e efígies de guerreiros. Lâmina de um só gume feita de uma de espada, com meia cana e inscrições no anverso AMOR MEUS CRUCIFIXUS EST e gravações com motivos vegetalistas e a representação de Cristo na cruz encimado por IHS.	Reserva 71 Painel U Nº 02	
00017	Adaga	Adaga de oficial de marinha (<i>dirk</i>). Guarda em latão dourado com orelha vazada e cinzelada em forma de cabeça de leão. Capacete em forma de cabeça de leão. Punho em marfim com rede entalhada. Guarda-mão em corrente (em falta); Lâmina bastante curva, plana de 1 só gume. Bainha em couro, com 3 montagens em latão dourado e vazado, tendo o guarda-lama em forma de cobra.	Reserva 71 Painel V Nº01	
00018	Adaga	Adaga de oficial de marinha (<i>dirk</i>). Guarda em latão dourado com arco lateral (em falta). Capacete em forma de cabeça de leão. Punho em madeira coberto a filigrana de cobre. Guarda-mão em forma de estribo (em falta). Lâmina bastante curva, com pequena goteira junto às costas. Bainha em couro, com três montagens em latão dourado e vazado.	Reserva 71 Painel V Nº 02	
00078	Faca	Faca de uso civil. Punho em marfim entalhado, com figuras de três matronas enpunhando objectos simbólicos, encimadas por um cavaleiro envergando casaca comprida e tricórnio. Virola em prata, lâmina curva de um só gume.	Reserva 71 Painel V Nº 06	
00067	Espadim finais do séc. XVII e princípios do séc. XIX	Espadim de corte vulgarmente designado por quitó, usado pela nobreza em traje de cerimónia. Guarda cruciforme em aço polido, punho em marfim com correntes de esferas de aço embutidas, formando desenhos losanguiformes. Guarda-mão em corrente de aço. Lâmina recta de dois gumes com mesa central.	Reserva 71 Painel M Nº 01	

0007 2	Espadim	Espadim de corte vulgarmente designado quitó, normalmente usado pela nobreza em traje de cerimónia. Guarda cruciforme em aço polido, com terminais em ovais espalmadas. Punho em marfim canelado, com virola. Pomo em aço. Falta o guarda-mão em corrente. Lâmina recta de dois gumes com aresta de forma lenticular.	Reserva 71 Painel M Nº 06	
00071	Espadim	Espadim de corte vulgarmente designado quitó, normalmente usado pela nobreza em traje de cerimónia. Guarda em prata vazada e cinzelada com motivos vegetalistas. Punho em marfim estriado, com duas pequenas platinas em prata cinzelada. Pomo e virola em prata cinzelada. Guarda-mão em corrente formada por esferas.	Reserva 71 Painel M Nº 02	
0014 6	Sabre para Oficial General Português	Sabre à mameluco para Oficial General português. Punho com platinas em marfim, e remate cinzelado com desenho estilizado (grega). Quartões e orelhas em bronze cinzelado e dourado. Lâmina com gravações em ouro sobre azul, com motivos vegetalistas e troféus de armas e com as armas do Reino Unido de Portugal e Brasil (1816-1824). Bainha em ferro, com braçadeiras e guarda-lama em bronze.	Reserva 71 Painel D nº43.	
0001 4	Capacete de oficial de Cavalaria	Capacete couro de cavalaria que poderá ter sido usado entre 1799 e 1811. Embora, habitualmente classificado como modelo 1806, não corresponde à iconografia existente, regulamentar ou outra, nomeadamente no que respeita ao encaixe para o penacho lateral. O uso deste capacete pela cavalaria é seguramente anterior ao Plano de Uniformes de 1806 e terá sido substituído pela barretina, conforme a Ordem do Dia de 1811. Não é de excluir que possa ter sido utilizado até ao final da Guerra Peninsular (1814) ou mesmo até à implementação do nebuloso Plano de Uniformes de 1815.	Reserva 71 Painel D nº 35	
	Sabre de Oficial General	Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. Guarda em latão dourado. Capacete com pomo em		

0016 2	Português m/1806	forma de cabeça de grifo. Guarda-mão em forma de estribo. Punho em marfim com rede entalhada e virola com gatilho. Orelha da guarda ricamente cinzelada com busto de oficial general. Quartão com cabeça de monstro mitológico. Lâmina curva de um só gume, com meia cana. Bainha de cabedal com três montagens em latão.	Reserva 71 Painel D nº26.	
0014 5	Sabre de Oficial do Estado Maior Francês	Sabre de oficial do Estado Maior Francês do início do séc. XIX (Primeiro Império). Guarda em latão dourado. Capacete com cabeça de leão. Guarda-mão em forma de estribo com reserva na zona média com efígie de figura mitológica. Orelhas da guarda em oval com figuras mitológicas. Punho em ébano com rede entalhada, bainha em latão dourada e cinzelada com duas argolas de suspensão. Lâmina curva de um só gume.	Reserva 71 Painel D nº13.	
0014 3	Sabre	Sabre português composto de final do séc. XVIII. Punho em chifre. Guarda-mão em ferro. Lâmina ligeiramente curva, com goteira junto às costas na zona média e meia cana, com inscrições no anverso "VIVA LISBOA" e gravação de figura feminina segurando um escudo com a cruz de Avis e empunhando um estandarte com a cruz de cristo, no reverso gravação de caduceu encimado por chapéu de abas alado e inscrição "VIVA O PORTO" "VIRTUTI FORTUNA COMES.	Reserva 71 Painel D nº24.	
0002 0	Espada de caça	Espada de caça. Punho em marfim, com remate em bronze cinzelado e dourado e aplicações em cobre dourado, com as efígies de D. Maria I e D. Pedro III. Guarda cruciforme em cobre cinzelado e dourado. Lâmina de um só gume, ligeiramente curva, com goteira central.	Reserva 71 Painel D Nº 17	
0014 4	Sabre Inglês para Oficial de cavalaria ligeira m/1796	Sabre para tropa de cavalaria ligeira inglesa do modelo 1796. Capacete em ferro com orelhas. Guarda-mão em forma de estribo. Longo quartão posterior. Guarda com orelhas. Lâmina larga e pesada de 1 só gume, com meia cana. Bainha com duas braçadeiras,	Reserva 71 Painel C nº09.	

		com pequeno guarda-lama. O fabricante Osborn & Gumby esteve em actividade em Londres entre 1808 e 1817 e em Birmingham entre 1808 e 1820.		
0002 5	Espada Inglesa para Tropas de cavalaria pesada, modelo regulamentar 1796 (DRAGÕES DE CHAVES)	Espada de Cavalaria pesada com punho em madeira com caneluras. Capacete liso com orelhas. Guarda-mão em forma de estribo. Copos planos em forma de disco, perfurados, com orelhas. Lâmina de meia cana de um só gume, anormalmente comprida, com bainha à portuguesa. Espada usada pela cavalaria pesada inglesa na Guerra Peninsular, também usada em Portugal pelo Exército e pela cavalaria da Guarda Real de Polícia.	Reserva 71 Painel C Nº 21	
0013 4	Couraça para tropa de cavalaria pesada	Couraça para tropa de cavalaria pesada, constituída por peito liso, com aresta central e rebites em latão, e quatro botões para ligação aos frangaltes de união às costas e costas lisas, com rebites em latão e frangaltes formados por argolas de latão, para unir ao peito.	Reserva 71 Painel X nº01.	

Sala vitorino Ribeiro – Gravuras 1

MMP	DESIGNAÇÃO	DESCRIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	FOTO
0074 4	Napoleão Bonaparte na Ilha de Elba	Gravura aguarelada representando Napoleão trajando um hábito acastanhado. Na mão esquerda empunha um cajado e na mão direita uma caveira. Sobre as suas costas pendente um chapéu preto. A figura, de pé, encontra-se à beira mar, vendo-se no horizonte dois navios.	Arm1 1ª Prat	
0079 2	Desenho	Desenho a tinta da china aguarelada representando a Rainha D. Carlota Joaquina. Executado por João Batista Ribeiro. Dim. 32x21,5 cm.	Arm1 2ª Prat	

0078 8	Estampa	Estampa representando o General Gomes Freire de Andrade. Dim. 29x21 cm.	Arm1 2ª Prat	
0080 9	Gravura alegórica	Gravura alegórica dedicada à alma das pessoas que faleceram na ponte do Rio de Douro, aquando da entrada das tropas francesas em 1809.	Arm1 3ª Prat	
0080 2	Gravura	Gravura com várias figuras políticas, Religiosas e Militares, criticando Napoleão de Bonaparte 23 Paris 1822. Dim. 23x35 cm.	Arm1 3ª Prat	
0080 5	Gravura	Gravura representando a partida do Príncipe Regente para o Brasil a 27 de Novembro de 1807.	Arm1 3ª Prat	
0085 8	Impresso	Impresso com a proclamação de Luís Pedro de Andrade	Arm1 5ª Prat	
0090 1	Gravura	Gravura representando Napoleão I Imperador Franceses. Dim. 32x24 cm.	Arm1 9ª Prat	

0073 6	Retrato de João Ferreira Viana	Retrato de meio corpo, virado a 3/4 sobre o lado esquerdo, de João Ferreira Viana, sentado e debruçado sobre uma mesa onde redige, à pena, um texto numa folha. Sobre a mesa, do lado direito, repousa um livro, do lado esquerdo está pousado um conjunto de tinteiro, areeiro e porta penas.	Arm1 1ª Prat	
0073 7	Retrato de Duarte Bessa	Retrato de meio corpo, virado a 3/4 sobre o lado direito, de Duarte Bessa, sentado numa cadeira e debruçado sobre uma mesa onde com o braço direito se apoia num livro que se encontra pousado na mesma.	Arm1 1ª Prat	
0073 8	Retrato	Retrato de José Gonçalves dos Santos Silva	Arm1 1ª Prat	
0073 9	Retrato	Retrato de José Pereira Menezes	Arm1 1ª Prat	
0074 0	Retrato	Retrato de José Ferreira Borges Dim. 31x21 cm.	Arm1 1ª Prat	
Gravuras 3				
0077 1	Retrato	Retrato de Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat	

0076 8	Retrato	Retrato de Luís Pedro de Andrade Brederude. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0076 9	Retrato	Retrato de Pedro Leite Pereira de Melo. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0077 0	Retrato	Retrato de Bernardo Correia Castro e Sepúlveda. Dim. 28x18 cm	Arm1 1ª Prat			
0077 2	Retrato	Retrato de Domingos António Gil Figueiredo Sarmento. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0076 2	Retrato	Retrato de António Barreto Pinto Feio. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0076 3	Retrato	Retrato de José de Sousa Pimentel de Faria. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0076 4	Retrato	Retrato de José Pedro Cardoso e Silva. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat			

						
0076 5	Retrato	Retrato de Tibúrcio Joaquim Barreto Feio. Dim. 29x18 cm..	Arm1 1ª Prat			
0076 6	Retrato	Retrato de António da Silveira Pinto da Fonseca. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0076 7	Retrato	Retrato de Francisco S. Luís, Doutor e ente de Lógica. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0077 3	Retrato	Retrato de José Pereira da Silva leite de Berredo. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat			
0077 4	Retrato	Retrato de Francisco Gomes da Silva. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat			

0077 5	Retrato	Retrato de João da Cunha Soto Maior. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
0077 6	Retrato	Retrato de José de Melo e Castro Abreu. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
0077 7	Retrato	Retrato de José Maria Xavier de Araújo. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
0077 9	Retrato	Retrato do Cor. Bernardo Correia de Castro e Sepúlveda. Dim. 32x25 cm.	Arm1 1ª Prat	
0075 4	Retrato	Retrato de Francisco José de Barros Lima. Dim. 28,5x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
0075 5	Retrato	Retrato de José Manuel de Sousa Ferreira e Castro. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat	

0075 6	Retrato	Retrato de Francisco de Sousa Cirne de Madureira	Arm1 1ª Prat	
0075 7	Retrato	Retrato de José Joaquim Ferreira de Moura. Dim. 29x18 cm	Arm1 1ª Prat	
0075 9	Retrato	Retrato de Manuel Vaz Pinto Guedes, Major do Batalhão de Caçadores n.º 6. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
0076 0	Retrato	Retrato de António Lobo Teixeira de Barros, Cor. do Regimento de Infantaria n.º 9. Dim. 29x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
0076 1	Retrato	Retrato de Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, Marechal Exército Português. 24AGO1820. Dim. 28x18 cm.	Arm1 1ª Prat	
Gravuras 4				
0080 8	Gravura	Gravura alegórica à Carta Constitucional 1821 "O Triunfo Maior da Lusitânia".	Arm1 3ª Prat	

0061 7	Gravura	Gravura alegórica às ocorrências verificadas no dia 24 de Agosto 1820, na cidade do Porto. Dim. 52x37 cm	Arm1 3ª Prat	
0082 4	Gravura	Gravura colorida representando um soldado de Infantaria – França 1820. Dim. 22x14,5 cm.	Arm1 4ª Prat	
0061 0	Impresso com Hino Patriótico	Impresso com o Hino Patriótico para se cantar na Praça da Constituição na cidade do Porto em 24 de Agosto	Arm1 5ª Prat	
0061 1	Impresso com a proclamação	Impresso c/ a proclamação elegendo o Rei D. João VI do conelho Militar do Porto em 24AGO1820	Arm1 5ª Prat	
0090 8	Desenho	Desenho a lápis executado por Vitorino Ribeiro, representando o povo Vitoriano tropas que desfilam. Dim. 34x25 cm.	Arm1 11ª Prat	
0061 2	Desenho	Desenho em sanguínea representando a guarnição militar do Porto aclamando a Constituição no dia 24 de Agosto de 1820.	Exposição	
Gravuras 5				

0060 3	Livro	Constituição Política da Monarquia Portuguesa de 1822.	Exposição	
0060 5	Livro	Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa - 1826	Exposição	
0061 9	Gravura	Gravura aguarelada com o Rei D. João VI. Dim. 32,5x22 cm.	Exposição	
Sala 4 – 24 Agosto				
0094 0	Medalha de prata dourada	Medalha de prata dourada com a inscrição "D.M.I.1829". (D.Miguel).	2º armário, 1ª prateleira.	
0095 0	Chapa de barretina	Chapa de metal dourado, com a legenda " Voluntários Reais da Guarnição do Porto".	Arm2, 2ª Prat	

0097 0	Chapa de metal dourado	Chapa de metal dourado com três estrelas significando os três estados: Clero, Nobreza e Povo.	Arm2 2ª Prat	
0099 1	Chapa de barretina	Chapa de barretina da Guarda Municipal de Porto, Séc. XIX	Arm2 2ª Prat	
0099 2	Chapa de barretina	Chapa de barretina da Guarda Municipal de Porto, Séc. XIX	Arm2 2ª Prat	
0096 4	Esporas	Esporas (Par) de metal dourado. Larg. 12,5 cm. Alt. 3,7 cm.	Arm2 3ª Prat	
0096 6	Bule de barro preto	Bule de barro preto com a marca "Eastwood" tem na ornamentação Lord Wellington a cavalo.	Arm2 3ª Prat	
0099 7	Chapéu armado	Chapéu armado de Oficial General. Séc. XIX	Arm 3 2ª Prat	

0101 8	Ombreira	Ombreira de Soldado granadeiro, meados Séc. XIX	Armário 3, 4ª Prateleira	
0102 9	Botão	Botão prateado com as Armas Reais Portuguesas, Séc. XIX	Armário 3, 4ª Prateleira.	
0101 7	Dragona	Dragonas de Oficial Superior (par) Séc. XIX	3ª armário, 6ª prateleira.	
0109 4	Dragona	Par de dragonas de Oficial, modelo 1806, em escama de peixe.	Armário 3, 6ª prateleira	
0109 5	Dragona	Par de dragonas com franja de retroz	Armário 3, 6ª prateleira	
0095 9	Gorgeira	Gola de serviço de metal dourado com a legenda: AD REGIS PATRIEQUE GLORIAM SEMPRE PARATUS".	Exposição	

0096 0	Gorgeira	Gola de serviço de metal dourado com armas de prata	Exposição	
0111 0	Espada de Oficial, Séc.XIX	Espada sem bainha, sendo esta de ferro com bocal, com uma braçadeira de uma só argola de suspensão e com guarda-lama.	Exposição	
0060 1	Tinteiro de viagem	Tinteiro de viagem com areeiro e porta-pena de chifre.	Exposição	
0060 8	Banda, de Oficial	Banda, de Oficial de Infantaria, com bolas de prata, de 1820.	Exposição	
0062 7	Dragonas de Oficial do Exército circa 1806/1834	Par de dragonas com pala de metal dourado em escamas assentes em pano azul ferrete. Possuem um botão em metal dourado com as Armas de Infantaria e franja solta de canutilho de ouro fosco. Uma com o canutilho mais grosso que a outra.	Arm3 6ª Prat	
0096 7	Óculo de campanha	Trata-se de um óculo extensível de média dimensão para uso militar que dotava o equipamento básico dos oficiais em campanha. Existem exemplares de maior tamanho, mais comuns para uso naval.	Exposição	
0111 2	Casaca	Casaca de pano azul com botões dourados e colete de setim branco	Arrecadação dos Uniformes	

0111 3	Casaca	Casaca de pano azul com botões dourados e colete de cetim branco com ramagens de prata.	Arrecadação dos Uniformes	
0111 4	Jaqueta	Jaqueta de Uniforme do Soldado Inglês, Séc. XIX	Arrecadação dos Uniformes	
Peças Soltas				
0003 9	Algemas	Algemas (par), tipo americano, cromadas, com dois elos de ligação e duas chaves.	Reserva 1A- Armário - Gaveta 3.	
0004 0	Alidade de Luneta	Alidade topográfica, marca W.F.S. (W.F.Stanley Co Ltd) com luneta, de 20 cm, móvel em torno de um eixo horizontal e sector circular graduado de 0º a 50º com nónio armado de lupa, munida de duas réguas de 38,5 cm de comprimento	Reserva 1A- Prateleira B2.	
0002 9	Alabarda Portuguesa	Alabarda de ferro forjado, composta de espigão lanceolado, acha, bico e encabadoiro com dois tirantes. Haste em madeira.	Pavilhão de Armas - Varandim - Vitrine 24.	
0003 0	Espada de copos de tigela	Espada de copos de tigela com rebordo dito de "rompe pontas". Pomo periforme com botão. Punho em madeira. Guarda-mão em arco, aparafusado ao pomo, com duas meias pérolas na parte média. Pequenos quartões terminados em botão.	Reserva 71 - Painei A - Nº 08	

0007 4	Estilete	Estilete para bengala. Lâmina com restos de azulado e dourado, com inscrição Toledo	Reserva 71 - Painel D - Nº 15	
0011 3	Lança de cavalaria do Séc. XIX	Lança de Cavalaria com cabo em madeira e ponta em ferro, usada pelos Regimentos de Lanceiros Portugueses desde o 2º quartel do Séc. XIX.	Reserva 71 - Painel B - nº23.	
0090 3	Baixo-Relevo	Baixo relevo com os bustos de D. João VI, de Dona Carlota Joaquina e do Príncipe D. Pedro.	Coleção Vitorino Ribeiro (Gaveta Nº 10)	
0088 5	Impresso contendo a letra do hino constitucional al Portuense 1832	Hino Constitucional Portuense para ser cantado no teatro S. João no aniversário da gloriosa acção das linhas da cidade do Porto no dia 29Set de 1832, composto pelo Insigne professor João Nepomuceno Medina de Paiva.	JVR Armário 1 5ª prateleira	
0130 0	Quadro com pintura a óleo	Quadro de talha dourada com uma pintura a óleo, representando a Defesa da Ponte de Amarante, no 1ºTerço do Século XIX.	Sala das Invasões Francesas	
0130 1	Quadro com pintura a óleo	Quadro de talha dourada com uma pintura a óleo, representando uma passagem do Douro na Régua, datado de 1808.	Sala das Invasões Francesas	

0129 5	Quadro	Quadro com a Planta da Cidade do Porto	Sala das Invasões Francesas	
0060 9	Impresso	Impresso com a proclamação datada de 24 de Agosto de 1820.	JVR armário 1, prateleira 5.	
0061 1	Impresso	Impresso com a proclamação elegendo o Rei D. João VI do Concelho Militar do Porto em 24 de Agosto 1820.	JVR armário 1, prateleira 5	
0089 3	Impresso com o Juramento da Constituição	Impresso com o juramento da constituição e o significado da alegoria: O juramento da Constituição por El-Rei D. João VI.	JVR Armário 1 5ª prateleira	
0081 2	Gravura alegórica	Gravura alegórica à constituição "O Triunfo Maior da Lusitânia".	JVR Armário 1 3ª prateleira	
0081 3	Gravura aguarelada	Gravura Oval aguarelada, em que se pode ver o busto de D. João VI.	JVR Armário 1 3ª prateleira	

0367 6	Pistola de Cavalaria de Pederneira 19 mm	Pistola Inglesa, modelo New Land para tropas de cavalaria Ligeira. Pistola de cano cilíndrico em ferro de alma lisa. Fecho de pederneira com cão tipo pescoço de cisne. Na superfície central do fecho destaca-se o monograma "GR" coroado. A coronha é em nogueira com guarnições em latão. Possui uma charneira em ferro que mantém a vareta, também em ferro, solidária com o cano, permitindo ao cavaleiro o carregamento da arma sem o risco de perder a vareta.	Reserva 1B - Parede direita	
0367 7	Pistola Inglesa de Pederneira para tropas de Cavalaria Pesada 14 mm	Pistola Inglesa de Pederneira para tropas de Cavalaria Pesada. Pistola de cano cilíndrico em ferro de alma lisa. Fecho de pederneira com cão tipo pescoço de cisne. Na superfície central do fecho destaca-se o monograma "GR" coroado. A coronha é em nogueira com guarnições em latão. A vareta é em madeira com calcador em latão. Na face esquerda possui uma vareta em ferro para encaixe no talabarte.	Reserva 1B - Parede direita	
0057 7	Espingarda Brown Bess de pederneira, de 19mm, do Séc. XVIII	Espingarda com cano e alma lisa, em ferro e com forma exterior cilíndrica. Possui junto a boca uma pequena guia ou espiga, de seção retangular para reter a baioneta. Podia ainda ser utilizada como referência para pontaria. Fecho de pederneira com cão do tipo reforçado ou de argola. Coronha em nogueira com todas as guarnições em latão. Vareta em ferro com calcador em forma de botão. Possui gravado no centro do fecho o monograma "GR" (George Rex-Jorge III) coroado, e na cauda, a gravação "TOWER". Foi a		

		espingarda mais utilizada na segunda metade do Séc. XVIII e primeiro quartel do Séc. XIX pelos exércitos Ingleses e seus aliados. O exército português utilizou, massivamente, esta arma nas guerras peninsulares, contra as forças napoleónicas, armadas, basicamente, com a espingarda modelo ano IX.	Pavilhão de Armas - Varandim.	
--	--	--	--------------------------------------	---

ANEXO F - Programa educativo

Na preparação do programa educativo da exposição *A Revolução do 24 de Agosto de 1820, Prelúdio do Liberalismo em Portugal*, defini a missão de criar relações com a freguesia do Bomfim e com a comunidade local. Nesse sentido, pareceu-me importante ir diretamente ao encontro das associações e dos públicos locais, convidando-os a participar na nossa programação.

Um programa educativo de uma exposição de história procura desenvolver o gosto pela história nos seus múltiplos sentidos, que ganha forma consoante o enquadramento e a narrativa curatorial da exposição, e também a partir da interpretação e experiência do público. É através desta criação de sentido(s) por parte do(s) público(s) que a exposição se pode tornar num espaço de encontro, aprendizagem e participação ativa, e dar lugar a outras narrativas.

Desenhei duas oficinas para faixas etárias distintas, entre os 8º e o 9º ano de escolaridade. Ambas iniciam com uma visita orientada à exposição, onde se promove um diálogo com, e entre o público, e se faz uma introdução aos conceitos e assuntos abordados na exposição, com ênfase nas ideias de lugar, memória e diálogo. De seguida, na parte prática da oficina, é realizado um exercício que se relaciona temática ou tecnicamente com as obras encontradas na exposição. No final, há lugar para uma reflexão e discussão sobre a exposição e dos paralelismos estabelecidos com a oficina. Estas atividades procuram proporcionar uma experiência a partir da história narrada e das peças museológicas em exposição, estimulando a atitude crítica, a construção de uma narrativa e a aplicação e experimentação de técnicas e materiais plásticos.

- O lugar

Numa reflexão sobre a ideia e o significado de um ‘lugar ideal’, cada um é convidado a desenhar, com diferentes materiais, aquele que será o seu lugar especial, desejado, ideal, real ou imaginário. Num segundo momento, todos os desenhos são cobertos de papel vegetal e trocados entre si, deixando a cada um o desafio de intervir e desenhar sobre o lugar do outro, tornando-o, assim, também seu, e gerando um espaço de partilha e vivência comum.

Esta oficina é realizada em grupos de quatro a seis pessoas. Cada grupo escolhe três desenhos realizados em oficina, que são projetados, um após o outro, numa grande

superfície de papel, e cujos contornos são desenhados. A partir do registo dos três desenhos sobrepostos, cabe ao grupo determinar o conceito e a história desta composição abstrata, pintando o desenho de acordo com aquilo que vê. Por fim, todos partilham as suas histórias com os restantes participantes.



MUSEU MILITAR DO PORTO
PROGRAMA - 18 de maio – 5ª feira
10h00/12h30 - 14h00/17h00

VISITA AO MUSEU
Visita livre - 10:00/12:30 e das 14:00/17:00

MUSEUSPAPER
Pedipaper - 10:00/12:30 e das 14:00/17:00

O CERCO AO CERCO DO PORTO
Roteiro - 10:00/12:30 e das 14:00/17:00

TRENCH - JOGO DE TABULEIRO - Escolas
Jogo - 10:30/12h30 e das 14:15/17:00
Sujeito à existência de marcações feitas até às 17h00 do dia 17/5

AGORA EU ERA UM TROPA - Escolas
Atividade lúdico-pedagógica - 14:00

MISTÉRIOS DE UMA CASA NA RUA DO HEROÍSMO - Escolas
Visita orientada - 11:00 e às 16:00

As atividades são gratuitas mas estão sujeitas a inscrição
Mail: musmilporto@mail.exercito.pt – Telef. 225365514



Figura 24-Exemplo do programa de um dia internacional dos Museus no MMP, nas várias atividades desenvolvidas no museu.



Figura 25- Trench- Jogo de Tabuleiro, para jovens do ensino secundário.

ANEXO G - Modelo do Inquérito

Este questionário visa o estudo de públicos da Exposição “Revolução de 24 de agosto de 1820: Prelúdio do Liberalismo em Portugal”. Gostaríamos de contar consigo.

Pergunta 1- Já visitou alguma vez o Museu Militar do Porto?

Sim ☐

Não ☐

Não Sabe/ Não Responde ☐

Se respondeu não passe para a Pergunta 2.

Pergunta 1.1- Se Sim quantas vezes é que o visitou? _____

Pergunta 1.2- Quando foi a última vez que o visitou?

Menos de 6 meses ☐

6 meses a 1 ano ☐

1 a 5 anos ☐

Mais de 5 anos ☐

Não sabe ☐

Pergunta 2- Há quanto tempo é que sabe da existência do Museu Militar do Porto?

Apenas hoje ☐

Há menos de 1 ano ☐

Há mais de 1 ano ☐

Não Sabe ☐

Pergunta 3- Com quem veio visitar a Exposição? (pode assinalar mais que uma opção)

Só ☐

Se respondeu só passe para a Pergunta 4.

Com Cônjuge/Companheiro (a)/Namorado (a) ☐

Com Filho(s) ☐ Idades _____

Com Pai/Mãe ☐

Com Outros Familiares ☐

Com Amigos ☐

Com Outros Conhecidos, Colegas ou Vizinhos ☐

Com um Grupo Organizado ☐

Quem Organiza? _____

Não Responde ☐

Pergunta 3.1- Se veio acompanhado, indique quantas pessoas: _____

Pergunta 4- A visita a esta Exposição estava programada para acontecer hoje?

Sim ☐

Não ☐

Pergunta 5- Quais as principais razões que o/a levaram a decidir vir hoje à Exposição? (Pode assinalar mais que uma opção)

Para visitar o Museu Militar do Porto pela 1ª vez ☐

Para ver o Museu Militar do Porto novamente ☐

Para ver a Exposição “Revolução de 24 de agosto de 1820:
Prelúdio do Liberalismo em Portugal” ☐

Para ver outra Exposição Patente no Museu Militar do Porto ☐

Dados Sociográficos

Pergunta 6- Género

Masculino ☐

Feminino ☐

Pergunta 7- Idade _____

Pergunta 8- Nível de Escolaridade

Nunca frequentou um estabelecimento de ensino ☐

Até à 4ª classe ☐

Até ao 6º ano de escolaridade (antiga preparatória) ☐

Até ao 9º ano (antigo 5º ano) ☐

Até ao 12º ano (antigo 7º ano) ☐

Ensino Médio ☐

Ensino Superior ☐

Ensino Superior- Pós-graduação ☐

Não Responde ☐

Fim.

Obrigado pela disponibilidade e tempo despendido.

ANEXO H - Análise SWOT

AMEAÇAS	OPORTUNIDADES
1. Localização pouco privilegiada nas opções turísticas dos visitantes do Porto. 2. Infraestruturas que não se adequam às funções museológicas. 3. Picos de afluência de público em visitas guiadas que condicionam o bom acolhimento que o museu pode facultar. 4. Dificuldades financeiras e humanas para o restauro e conservação do património museológico à guarda do museu.	1. Considerar as outras unidades Museológicas da cidade como potenciais parceiros e não como concorrentes, promovendo programas conjuntos e complementares. 2. O sucesso turístico da cidade do Porto quer a nível nacional quer internacional. 3. Integração do museu nos circuitos turísticos. 4. Potenciação de parcerias com entidades privadas para a promoção de programas educativos e visitas guiadas. 5. Realização de protocolos com Instituições de Ensino Superior e outras entidades.
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
1. Concentração de Património Histórico-militar que não existe em mais nenhuma instituição pública da cidade. 2. Programas lúdico-pedagógicos destinados a público infante/ juvenil. 3. Estar credenciado pela Rede Portuguesa de Museus. 4. Localização num edifício com interesse histórico.	1. Degradação das instalações. 2. Falta de um auditório. 3. Falta de um espaço suficiente para a receção de um elevado número de visitantes (em visitas guiadas). 4. Salas de exposição de pequenas dimensões. 5. Pavilhão com fracas condições acústicas e ambiente inadequado. 6. Inexistência de áudio-guias.

5. Capacidade de apoio a outras entidades com a montagem de exposições itinerantes. 6. <i>Flyers</i> de divulgação em 2 línguas (Português/Inglês)	7. Falta de condições para visitantes com mobilidade reduzida. 8. Inexistência de meios de telecomunicações. 9. Inexistência de meios de videovigilância. 10. Falta de quadros especializados e não especializados. 11. Inexistência de viatura auto de apoio às atividades do museu.
--	--

ANEXO I – Layout da exposição



MMP000744



MMP00753



MMP00750



MMP00751



MMP00752



MMP00805



MMP00788



MMP00745

SALA 1 Parede 2- Direita



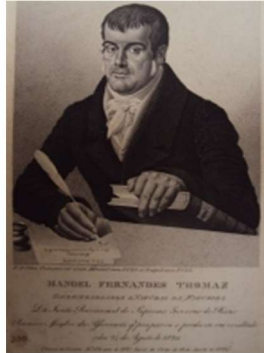
MMP01300



MMP01301

MMP00014

SALA 2



MMP000577



MMP0735



MMP0734



MMP0736



MMP000738



MMP0739



MMP0737

SALA 2 Sinédrio



MMP00763



MMP0077



MM



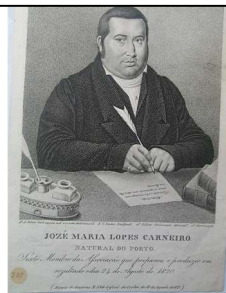
MMP00773



MMP00772



MMP0766



MMP00743



MMP007589



MMP007



MMP00760



MMP00761

Parede 3



MMP00850



MMP0844



MMP0843



MMP0842



MMP0824

parede

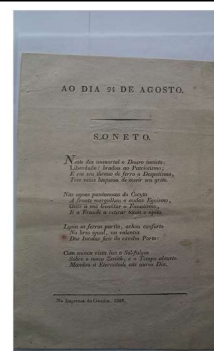
M
MP00912



MMP0861



MMP0610



MMP0856



MMP0865



MMP00802

SALA 4



MMP0006

15



MMP0

812



MMP00811



MMP00813



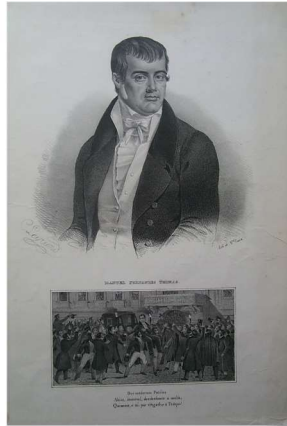
MMP07

92



MMP0794

SALA 4



MMP000790



JOZE FERREIRA BORGES.

*Joze Ferreira Borges, nascido a 17 de Agosto de 1891,
foi eleito Presidente do Conselho de Regencia de Angola,
quando o Estado da Guineia e Portugal se encontravam
em estado de guerra (1914-1918).*

MMP00734



MMP0617

SALA 1Vitrine 1- Esquerda

Vitrine 1- Direita



MMP000697



MMP00708



MMP00706



MMP
0004



MMP006

78



MMP00017



MMP007



MMP000630



MMP00078



MMP00014



MMP00018



MMP0006

SALA 2

Vitrine 2 Alta



SALA 3

Vitrine 3



MMP000577



MMP03676



MMP03677

Vitrine 4



MMP00071



MMP00020



MMP00145



MMP00067



MMP00143



MMP00134



MMP00025



MMP00144



MMP00030

Vitrine 6



MMP000162



MMP00072



MMP00146



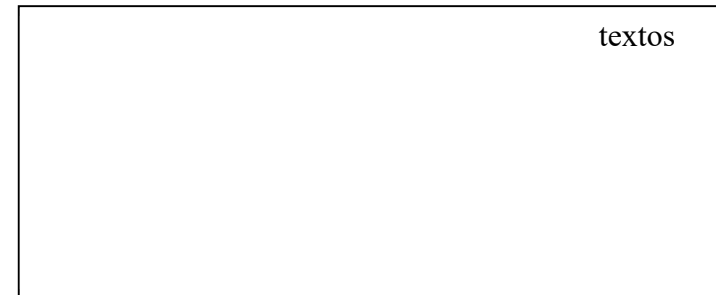
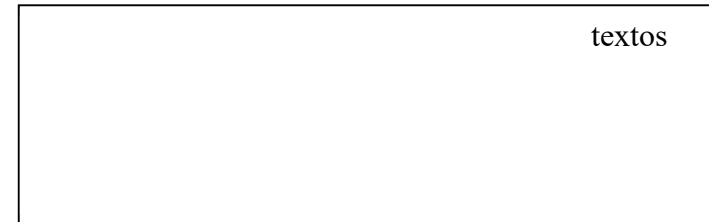
MMP00074

6

SALA

4

Vitrine 7



Vitrine 8



MMP 00903



MMP 00605



MMP 00885



MMP 00940